

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

A Cultura Global Psytrance e Aspectos da Cena Eletrônica de Brasília

Renato Macedo Machaim Franco

Brasília

2016

Renato Macedo Machaim Franco

A Cultura Global Psytrance e Aspectos da Cena Eletrônica de Brasília

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª Doutora Juliana Braz Dias.

Brasília

2016

A Maurício, Marilda, Paula, Luíza e a todos
aqueles que estiveram ao meu lado neste longo
processo.

RESUMO

Este estudo tem como tema principal a cultura musical conhecida como Psytrance, que engloba o gênero de mesmo nome e um conjunto de práticas e valores. Sendo um fenômeno de abrangência global, foi feito um recorte baseado em experiências locais em Brasília e cidades próximas, que configuram um circuito de entretenimento. O trabalho está fundamentado em pesquisa etnográfica, que consistiu na participação em festas, festivais e outros espaços físicos e virtuais relacionados ao Psytrance. Fazendo um resgate histórico sobre as origens desta cultura global, a análise culmina em discussões acerca de aspectos específicos identificados nos discursos e práticas dos interlocutores. Observa-se uma ideia recorrente de “perda da essência” do Psytrance, que evidencia processos locais de transformação de uma cultura que se encontra em constante reinvenção. Novos atores e práticas são destacados na análise, no intuito de examinar as tensões que caracterizam esta cena eletrônica de Brasília.

ABSTRACT

This study has as its main theme the musical culture known as Psytrance, which comprehends the genre of the same name and a set of practices and values. Being a phenomenon of global scope, the research was made based on the context of local experiences in Brasilia and nearby cities, which constitute of an entertainment circuit. This work is based on ethnographic research, which consisted of participation in parties, festivals and other physical and virtual spaces related to Psytrance. The analysis consists of a historical rescue of the origins of this global culture and culminates in discussions about specific aspects identified throughout the discourses and practices of the interlocutors. It is possible to observe a recurring idea of Psytrance's "loss of the essence", which evidences local processes of transformation of a culture that is constantly reinventing itself. New actors and practices are highlighted in the analysis, in order to examine the tensions that characterize this electronic scene in Brasilia.

Sumário

Lista de Figuras.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
Capítulo 1 – Psytrance e a Nova Era.....	12
1.1 – Nova Era.....	13
1.2 – Contracultura.....	16
1.3 – Goa Trance.....	19
Capítulo 2 – As Festas e os Festivais.....	26
2.1 – Os Modelos de Festa.....	27
2.2 – O Tempo e o Espaço da Festa.....	29
2.3 – O Circuito das Festas.....	35
Capítulo 3 – O Discurso Neo-Tribal.....	55
3.1 – Elementos Rituais.....	56
3.2 – Transe Psicodélico.....	63
3.3 – Vibe.....	66
Capítulo 4 – A Cena e os Conflitos.....	70
4.1 – Cena Eletrônica e Circuito de Lazer.....	71
4.2 – Perda da Vibe.....	74
4.3 – Pebas.....	77
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA.....	86

Lista de Figuras

Figura 1 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Cabine do DJ e pista de dança.....	30
Figura 2 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Estrutura de som vista de frente.....	30
Figura 3 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Área de camping e descanso.....	33
Figura 4 – Festival Insight. Placa de conscientização.....	34
Figura 5 – Festival Solo Sagrado. Pista principal.....	40
Figura 6 – Festa Progdarkness. Dj e dançantes.....	42
Figura 7 – Festa Persistrance. Montagem da tenda psicodélica.....	44
Figura 8 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Pista.....	46
Figura 9 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Estrutura de som.....	46
Figura 10 – Festival Insight. Local da festa.....	49
Figura 11 – Festival Insight. Pista principal.....	49
Figura 12 – Arraiá Psicodélico. Pista de dança.....	51
Figura 13 – Festival do Kranti. Cabine do Dj com decoração psicodélica.....	52
Figura 14 – Festival do Kranti. Pista principal.....	52
Figura 15 – Festival do Kranti. Decoração noturna psicodélica.....	53
Figura 16 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Dj animando público.....	57
Figura 17 – Velocidade da música e estado de espírito.....	58
Figura 18 – Possíveis áreas e territórios da pista.....	62
Figura 19 – Festival Insight. Camping e Psychodelia.....	65
Figura 20 – Festa Cidadãos do Mainfloor. Todos compartilhando a vibe.....	67

INTRODUÇÃO

Este estudo trata das experiências locais da cultura global conhecida como Psytrance, a qual se reproduz por meio de festas e festivais de música eletrônica e pela Internet. Completando por volta de um quarto de século, a cultura musical Psytrance se difunde por todo o mundo, passando por modificações à medida que se insere em contextos locais, como a cidade de Brasília e arredores.

Apesar das festas de música eletrônica serem usualmente denominadas Raves, é importante ressaltar que este trabalho trata do cenário cultural que corresponde à vertente Psytrance, dentre os diversos outros gêneros de música eletrônica existentes (*Techno, House, Minimal, Drum n' Bass* etc), assim como das características simbólicas e estéticas relacionadas especificamente a ela.

Segundo as narrativas de diversos atores envolvidos nesse fenômeno, foi em Goa (Índia), no início da década de 1990, que alguns elementos unidos deram a luz ao “Goa Trance”, quais sejam: a música eletrônica experimental psicodélica; o uso de substâncias psicoativas e a exploração da *psique*; o contato com a natureza e o discurso ecológico; e a filosofia espiritual de Osho, um “guru moderno” aberto aos discípulos ocidentais (*Sannyasin*). Atualmente o Goa Trance é considerado a vertente musical que deu origem ao fenômeno Psytrance.

Experimentando música instrumental juntamente com as novas possibilidades tecnológicas, surgiu um novo conceito de festa, então chamadas *Full Moon Parties* (Festas de Lua Cheia). Neste modelo de festival, encontram-se elementos espirituais e estéticos do Oriente e outras tradições culturais como o xamanismo indígena, o ocultismo e esoterismo europeu, assim como a parapsicologia, ufologia e física quântica; muitos deles intrinsecamente relacionados à cultura jovem alternativa produzida pelo movimento da Contracultura nos anos 1960.

Esta pesquisa teve início com um conjunto de questionamentos acerca da noção de “cultura alternativa” associada à categoria de “juventude”, que ganha força na metade do século XX com movimentos sociais como a Contracultura. Interessava-me observar a diversidade de estéticas, ideologias e práticas sociais dos jovens das grandes cidades, que geram as chamadas “subculturas” ou “tribos urbanas”.

Optei por analisar de maneira mais detida a cultura Psytrance dentro dessa categoria de “cultura alternativa”, observando sua existência a partir de grupos sociais das grandes cidades. Guiavam-me inicialmente indagações como: tais festivais apresentam novas propostas de lazer, de ideologia e espiritualidade? Quais dinâmicas de sociabilidade e estruturas peculiares essas festas sugerem em comparação com outros tipos de festa e lazer urbano? Como esta cultura global é produzida e experimentada pelos jovens do Distrito Federal? Em que sentido ela é alternativa em relação às tendências hegemônicas da sociedade como um todo? Como ela propõe rupturas políticas de comportamento, ideologia e consumo por parte dos grupos que a vivenciam?

A partir de uma investigação de caráter etnográfico, identifiquei um determinado discurso que apontava para uma “perda da *vibe*” ou “perda da essência” sofrida no processo de difusão das festas. Tal discurso não é um consenso entre os frequentadores desses eventos, os quais formam um grupo extremamente heterogêneo. A crítica circula especialmente entre produtores das festas e determinado público que, de maneira ainda difusa, foi progressivamente se revelando no decorrer da pesquisa; e foi esta questão que ganhou centralidade no presente trabalho. Fez-se necessário investigar o que se estaria atribuindo como a “essência” dessa cultura de música eletrônica, bem como o sentido da mudança pressuposto naquele discurso.

Após um esforço analítico fundamentado nos dados empíricos e em pesquisa bibliográfica, busquei conectar esta “essência” a determinados elementos ideológicos, simbólicos e estéticos baseados nos fenômenos da Contracultura Hippie e do Movimento Nova Era. É este o conteúdo do capítulo 1. Partindo desta construção analítica, apresento, num segundo momento (capítulo 2), dados etnográficos das festas e dos ambientes virtuais, cruciais para a reprodução desta cultura.

Em seguida (capítulo 3), procuro discutir duas categorias referentes a ideais de estado coletivo desejado na festa – o transe psicodélico e a *vibe* –, tendo como base discursos e práticas observados em campo. Finalmente (capítulo 4), apresento alguns conflitos vivenciados nas festas que, segundo procuro argumentar, são os motivos que suscitam o discurso da “perda da essência”. Neste sentido, discuto essa perda em termos de transformação da cultura Psytrance por um contexto urbano local. Novos atores e novos significados passam a compor o universo das festas, que então tomam novas facetas baseadas nas diferenciadas perspectivas dos seus frequentadores.

Para a análise aqui empreendida, utilizo duas categorias que farão a ponte entre o mundo interno das festas e o mundo externo referente à cidade e aos grupos de jovens que participam desses eventos: a noção de *cena* e a categoria de *circuito*, esta última referente ao conjunto de espaços da metrópole destinados ao exercício de determinada prática (MAGNANI, 1999).

Começando o trabalho de campo sem conhecimento prévio sobre quais seriam as festas de que iria participar, segui um fluxo de acordo com as pessoas que fui conhecendo e os eventos para os quais me convidavam. Apenas quando me aprofundei no universo de música eletrônica da cidade pude perceber quais eram as festas mais tradicionais e prestigiadas dentro de um conjunto amplo de eventos. De acordo com as diferentes circunstâncias de cada evento, foram desenvolvidas diferentes estratégias de inserção e de posicionamento. Na maioria das vezes estive na posição de público, em outras ocasiões trabalhei na montagem e desmontagem da estrutura, no bar e na manutenção do gerador de energia.

O trabalho de campo ocorreu entre março e julho de 2015. Consistiu na participação em um total de 8 festas e 3 festivais de Psytrance. Os eventos foram realizados em áreas “semi rurais”, com duração de 18 horas a 5 dias. O público era majoritariamente de jovens de 17 a 30 anos. Além desses eventos, também frequentei algumas festas eletrônicas de outros estilos musicais, bares e a casa de alguns interlocutores. A região dos encontros foi predominantemente o entorno de Brasília, interligando as cidades de Sobradinho (DF), Brazlândia (DF), Paranoá (DF), Ceilândia (DF), Valparaíso (GO), Unai (MG); e também cidades localizadas na Chapada dos Veadeiros: Colinas do Sul (GO), Vila de São Jorge (GO), Alto Paraíso (GO). Fui para cada evento com diferentes grupos, quando formei “bondes” (caronas solidárias) com pessoas do Plano Piloto de Brasília, Anápolis, Goiânia e entorno do Distrito Federal.

Também acompanhei páginas e sites com conteúdo exclusivo sobre a história do Psytrance e suas atualidades, fotos, entrevistas, calendários e eventos, como <psytrancedf.com>, <universoparalello.org>, <psicodelia.org>, <mainfloor.com.br>, <ictrance.blogspot.com.br>, <kranti.com.br>. Observando as páginas virtuais das festas podemos criar uma noção de cada evento, os Line Up (programação), os discursos e propósitos das produtoras, as equipes de apoio e a estrutura geral da festa, as repercussões e os *feedbacks* (comentários posteriores).

A etnografia é um recorte temporal de um processo que está em constante transformação e reinvenção dentro da cidade. Desta maneira, não será base para uma definição analítica precisa do Psytrance, mas sim para uma discussão acerca de aspectos específicos identificados nas observações, nas vivências e nas conversas com aqueles com quem convivi. Este fato permite o desenvolvimento de questões sobre a dinâmica do movimento Psytrance em Brasília, ao mesmo tempo em que cria dificuldades na definição exata de grupos e identidades. Tratar de um fenômeno com tal fluidez demanda uma abordagem focada mais na noção de processo do que de estrutura.

Assim, os fatos que se apresentaram mais recorrentes nas festas de que participei foram escolhidos para o direcionamento da análise em torno da ideia de “perda da essência”, que pode ou não representar uma característica genuína do Psytrance como fenômeno global, mas que o caracteriza como experiência local.

Capítulo 1

PSYTRANCE E A NOVA ERA

Psytrance é um gênero da chamada EDMC (Electronic Dance Music Culture), isto é, um estilo de música eletrônica que possui em torno de si uma cultura musical específica. Sua produção tem origem em determinados contextos históricos e revela forte inclinação à junção de diversos elementos culturais, musicais e estilísticos, muito característica do cosmopolitismo contemporâneo.

Completando quase três décadas de existência, ainda há poucos estudos científicos sobre este fenômeno, sendo um dos primeiros trabalhos específicos sobre o tema o livro *The Local Scenes and Global Culture of Psytrance*, editado em 2010 pelo antropólogo especialista em movimentos de música eletrônica e enteógenos Graham St. John, em colaboração com vários autores. Esta obra analisa as origens musicais e culturais do Psytrance e introduz etnografias que tratam dos contextos histórico-geográficos de sua emergência, de movimentos e transformações sofridas e também de seu florescimento em outros lugares do mundo.

Baseado neste livro e no documentário *Last Hippie Standing*,¹ este capítulo buscará contextualizar o Psytrance a partir da perspectiva da globalização espiritual Nova Era, que abarca seus elementos ideológicos, estéticos e espirituais. Este conceito será discutido com fundamento nos estudos antropológicos de: Leila Amaral (2002), em *Carnaval da Alma – Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era*; Sandro Martins de A. Santos (2013), na sua tese de Doutorado intitulada *A Família Transnacional da Nova Era e a globalização do ((amor)) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil*; e José Guilherme C. Magnani (1999), em *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito Neo-esotérico na metrópole*.

O objetivo desta contextualização é sistematizar um conjunto de práticas e elementos simbólicos considerados fundamentais para a compreensão do Psytrance, que servirá de base para refletirmos sobre o discurso nativo identificado em campo, o qual reclama a “perda da essência” no cenário atual das festas de Psytrance em Brasília. Esta essência ideológica, estética e espiritual não é necessariamente um consenso e nem está claramente delimitada nesse discurso, por isso há a necessidade de organizar e relacionar fatores que poderiam caracterizá-la a fim de compreender melhor a narrativa dos interlocutores. A ideia de “perda”

¹ Autoria de Marcus Robbin, disponível em <youtube.com.br> e <lasthippiestaning.de>.

remete a uma noção de movimento, no qual haveria uma origem essencial a partir da qual se desenrola um processo histórico de transformação.

Identificar os fatores que caracterizam esta origem nos permite compreender melhor quais as modificações sofridas pelo Psytrance enquanto cultura musical difundida globalmente, que parte de determinadas localidades e grupos e é experimentada, significada e consumida em outros lugares por outras pessoas.

Neste sentido, considero crucial levar em consideração o fenômeno da Contracultura Hippie da década de 1960 como a matriz cultural do Psytrance, assim como uma forte manifestação do que vem sendo chamado de movimento espiritual Nova Era, o qual, segundo meu entendimento, é não só sua causa como também efeito, sendo uma raiz e ao mesmo tempo uma expressão do mesmo.

1.1 - Nova Era

O fenômeno Nova Era, ou *New Age*, vem sendo estudado majoritariamente sob a ótica dos estudos da religião. Os elementos culturais que o caracterizam são extraídos a partir de “alguns sistemas de pensamento e religiões de origem oriental, em cosmologias indígenas, em correntes espiritualistas, no esoterismo clássico europeu” (MAGNANI, 1999), no ocultismo, na parapsicologia e na física quântica.

Leila Amaral busca conceituá-lo a partir da ideia de “sincretismo em movimento”. Não sendo possível ainda interpretá-lo como uma doutrina, ou sistema de crenças bem estabelecido, a noção mais fiel à sua realidade seria a de “transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes” (AMARAL, 2002). Não se trata, portanto, de um sistema de significados fechado que fundamenta práticas centralizadas e homogêneas, ou que defina identidades religiosas bem demarcadas, se aproximando mais de uma denominação que ajuda a compreender “práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas” (AMARAL, 2002).

Nomeando tal movimento de Neo-esoterismo, Magnani chama a atenção para a dificuldade de se construir um quadro interpretativo global sobre o assunto, existindo atualmente várias interpretações específicas. Assim, segundo ele, encontram-se estudos fragmentados sobre “sistemas oraculares e técnicas de cura, outros sobre determinada prática ou sociedade iniciática” (MAGNANI, 1999), mas poucos tratando exclusivamente sobre o movimento como um todo.

Ainda segundo seu levantamento, há estudos que buscam articular a lógica interna da Nova Era com a metrópole, a partir de algumas características da “‘alta modernidade’, ‘modernidade tardia’, ou ‘pós-modernidade’” (MAGNANI, 1999), como mobilidade, reflexividade, flexibilidade, imprevisibilidade, diversidade etc. Acredito ser neste sentido que se enquadram as perspectivas de ambos os autores, já que Amaral centraliza sua análise em espaços concretos da cidade chamados por ela de “Centros Holísticos” (AMARAL, 2002) e Magnani foca em sua categoria de “circuito” (MAGNANI, 1999), a qual busca designar um conjunto de espaços não contínuos da metrópole que são marcados por determinada prática, no caso as práticas do neo-esoterismo.

Desse modo, apesar de ser considerado um fenômeno religioso e espiritual, ele não se limita a esta dimensão, pois outras características se associam a ele, como um forte discurso ecológico, aspectos de uma cultura psicológica, estética e de mercado. É, portanto, consenso entre ambas as abordagens que a melhor maneira de caracterizá-lo seja a partir de sua heterogeneidade e ecletismo. Para termos uma ideia do que esses termos tratam, selecionei alguns trechos que enumeram a quantidade e a diversidade de práticas e serviços encontrados na metrópole os quais, segundo os autores, denunciam a existência e atualidade deste movimento:

Se não há, como não havia, nos seus primórdios, uma organização central, existem pontos de encontro ou Centros Holísticos que apresentam um conjunto eclético de crenças e atividades ao redor de um amplo leque de interesses, passando pela religião, filosofia, misticismo, saúde, psicologia, parapsicologia, arte, ecologia e o oculto. (AMARAL, 2002: 20)

Estes centros difundem práticas e vivências que vão desde técnicas de meditação diversas como *Yoga e Chi Kung* (qigong), gastronomia vegetariana e vegana, terapias e curas alternativas à medicina convencional, biodança, *feng shui*, tantrismo; cujos imaginários perpassam noções de “magia” e “cura xamânica”, de “psique” ou “psi” (que remetem aos poderes da mente), de “ego” e “*self*”, em contraste com a interpretação religiosa do “universo” ou “cosmos”, de “superconsciência” e “estados alterados de consciência” (AMARAL, 2002). E podemos continuar:

(...) a leitura das cartas, a interpretação do I-Ching, o alinhamento dos *chakras*, a prática de *yoga*, a aplicação do *do-in* e outras tantas atividades que integram, de forma genérica, o caldeirão das práticas neo-esotéricas (...) da crença em duendes nórdicos ao uso de florais canadenses; do consumo de incenso indiano à prática da acupuntura chinesa, da meditação tibetana ao *shiatsu* japonês; dos livros de auto-ajuda americanos ao xamanismo siberiano; da bruxaria celta aos rituais dos índios da Amazônia. (MAGNANI, 1999: 17)

Assim, fica nítida a dificuldade e o esforço de se definir claramente a Nova Era ou o Neo-Esoterismo como um sistema, uma cultura religiosa ou uma doutrina espiritual. Transformação, experimentação, flexibilidade e mobilidade parecem ser de fato os termos mais capazes de explicar este fenômeno. E, apesar de as duas abordagens (de Amaral e Magnani) serem específicas, caminham numa mesma direção ao olharem para as manifestações concretas deste movimento associadas às práticas e ao consumo dentro dos centros urbanos, observando e fazendo levantamentos dos espaços e serviços existentes.

Estas manifestações concretas na cidade indicam o surgimento e o desenvolvimento de “estilos de vida”, de ideologias e espiritualidades alternativas ao conjunto de práticas e instituições hegemônicas na nossa sociedade, visto que o fenômeno “mobiliza recursos, envolve pessoas, modifica comportamentos, inventa ritos e propõe novas modalidades do uso do tempo livre” (MAGNANI, 1999) e desta maneira altera a constituição da vida urbana contemporânea. Em contraposição “às relações de competição, conflito, utilidade, consentimento contratual e individualismo despersonalizado” (AMARAL, 2002) das cidades, há o ressurgimento do romantismo na maneira de interpretar o indivíduo e o mundo, enfatizando formas alternativas (e tradicionais) de se relacionar, como as comunidades, aldeias, clãs, guildas etc.

Visto como a redescoberta da espiritualidade na pós-modernidade, o movimento Nova Era estaria propondo uma ruptura com o cristianismo eclesiástico, com o individualismo econômico e político, o racionalismo utilitário, o industrialismo e com o paradigma científico intelectualista, gerando “a exploração de novos sistemas espirituais” e “a busca de uma ‘visão transformadora’ de si e do mundo”, a qual extrapola as fronteiras de qualquer cultura particular e quebra as “formas de pensamento do velho mundo” (AMARAL, 2002).

Observamos não só a existência de um conjunto intrincado de práticas, símbolos e imaginários espirituais e alternativos, como também o surgimento de uma bibliografia que se ocupa de defini-lo. Estes autores partem, por sua vez, de suas próprias fontes que, apesar de ainda escassas, constituem o campo de estudos voltados para a Nova Era, o Neo-Esoterismo, a Era de Aquário, a Conspiração Aquariana etc. Acredito que a melhor maneira de se referir a esta realidade é como um movimento econômico e espiritual, que resgata e ressacraliza, num ponto de vista ocidental, elementos de culturas não ocidentais e pré-industriais, formando uma bricolagem cosmopolita que engloba consumo, estética, ideologia e espiritualidade.

Na bibliografia corrente, há relativo consenso de que as raízes da Nova Era estão no movimento da Contracultura Hippie dos anos 1960 em Haight-Ashbury – São Francisco, Califórnia. Ali toda uma geração contestava o *status quo* do Estado, da família, da economia e da religião e buscava maneiras alternativas de olhar para o ser humano, a natureza e a sociedade.

1.2 – Contracultura

A Contracultura foi um movimento pioneiro de crítica às instituições normativas da sociedade norte-americana e ocidental em geral, estando fortemente associada ao discurso anti-guerra, pregando *Peace and Love* (Paz e Amor), e vinculada também à ecologia e culto romântico à natureza, à diversidade sexual e estética, às religiões não ocidentais, à expansão da consciência. Proclamava-se a transição das eras astrológicas de Peixes para a de Aquário, onde a humanidade estaria entrando em um novo período de ascensão espiritual.²

O principal destino deste movimento, que se tornava global, passou a ser o Oriente. Para indicar a existência desta migração política e espiritual, buscarei destacar alguns momentos históricos e personagens protagonistas da Contracultura que promoveram a então busca espiritual com origem na Califórnia e Londres (dois pólos principais da cultura hippie) em destino ao Oriente, especialmente a Índia.

Este esforço servirá para relacionarmos as origens ideológicas e espirituais do que aqui estamos chamando movimento Nova Era aos dados e personagens que demonstram sua forte ligação com o Psytrance, cuja matriz musical é o chamado Goa Trance, em referência ao estado indiano, antiga colônia portuguesa. Como já dito, tal associação busca deixar claro o que seria a essência e origem do Psytrance, para então discutirmos sua relação com o universo atual das festas e dos grupos produtores e frequentadores em Brasília.

A Contracultura fundamentou-se ideologicamente pela ação orgânica de cientistas, filósofos, artistas e entusiastas dos campos da política, espiritualidade e música, a exploração da *psiqué* humana e o uso de substâncias psicoativas, principalmente o LSD e a *Cannabis*. Os principais personagens que influenciaram diretamente a Contracultura foram o psicólogo e neurocientista Timothy Leary (1920 – 1996); o filósofo e romancista Aldous Huxley (1894 –

² A discussão aqui elaborada baseia-se nos dados apresentados em: Roszak (1969); Tiber (2007); *History Channel Special – Hippies* (disponível em: <youtube.com.br>); *The Last Hippie Standing* (disponível em: <youtube.com.br>).

1963); e o poeta Allan Ginsberg (1926 – 1997). Os três foram profundamente influenciados pelo Hinduísmo, Taoísmo e Budismo, ao mesmo tempo em que produziam conhecimento nas áreas da filosofia, artes, antropologia e psicologia, abordando temas como espiritualidade, crítica política ao capitalismo e cristianismo, e a natureza do uso de substâncias psicoativas, formando então as bases ideológicas da Contracultura.

Timothy Leary foi o principal responsável pela difusão do uso de LSD como maneira de exploração e expansão da consciência humana, cuja experiência seria capaz de levar o indivíduo a um nível superior de evolução biológica e espiritual. Em 1964, publicou um manual para o uso da substância, chamado *Psychedelic Experience: a Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*.³ Suas pesquisas e discursos foram amplamente apropriados pelos jovens personagens da Contracultura e continuam ainda hoje como referencial no discurso corrente da cultura Psytrance.

Timothy Leary também cunhou o famoso jargão da geração Hippie: *Turn on, Tune in, Drop out*. Esta ideia se refere ao sujeito que, utilizando-se do LSD, ativa seu equipamento genético e neural e se torna sensível em relação aos diversos níveis da consciência (*Turn on*); depois passa a interagir harmonicamente com o mundo a sua volta (*Tune in*); e por fim descobre sua subjetividade e individualidade, agindo no mundo, tomando novas atitudes construtivas, buscando novos lugares, outros rumos (*Drop out*). Inspirados neste mote, não só se produziram diversas músicas de rock e eletrônicas, como “Drop Out” do Dj Infected Mushroom, mas também referências científicas, como a tese denominada *Turn on, Tune in, Trance out - The exploration of entheogens and the Emergence of a Global Techno-shamanic Ritual*.⁴

Aldous Huxley, por sua vez foi pesquisador da mente humana e autor de diversas obras psicodélicas, entre elas o livro *As Portas da Percepção (The Doors of Perception)*, onde relata sua experiência com a mescalina utilizada pelos xamãs indígenas do México e dos Estados Unidos. Sua obra inspirou bandas de rock como The Doors e The Beatles, ícones do movimento contracultural.

³ Como o próprio nome já diz, esta obra foi baseada num antigo texto sagrado proveniente do Tibete, chamado no Ocidente de *Livro Tibetano dos Mortos*, traduzido pela primeira vez em 1927 por W.Y. Evans-Wentz.

⁴ Autoria de Christopher B. Larkin (2003). Trata-se de um estudo antropológico relacionando o jargão cunhado por T. Leary ao uso de substâncias psicoativas num contexto de Psytrance.

Amigo do pensador indiano Jiddu Krishnamurti,⁵ que naquele período viajava nos EUA dando palestras sobre espiritualidade, religião e política, Aldous Huxley estava em constante contato com cientistas, filósofos e artistas que se interessavam pelo uso de substâncias psicoativas como instrumentos para expandir a compreensão sobre a consciência humana e espiritualidade. A própria palavra *psychedelic* (psicodélico) data de uma carta destinada a Aldous Huxley escrita pelo psiquiatra Humphrey Osmond, que introduziu o termo numa reunião na Academia de Ciências de Nova York em 1957. Este termo é crucial na definição do movimento hippie, também chamado de movimento psicodélico, e influencia diretamente o Psytrance, já que a palavra vem de uma junção de *Psychedelic Trance*, ou Transe Psicodélico, o que remete ao *Trance*, gênero de música eletrônica inventado na Alemanha, e ao *Psychedelic*, associado a substâncias e experiências denominadas psicodélicas.⁶

Nesse contexto cultural, músicas nos estilos *Folk*, *Blues* e *Rock n' Roll*, principal instrumento de coesão da Contracultura, tornaram-se psicodélicas, com o surgimento do Rock Psicodélico de Jimmy Hendrix, The Doors, The Beatles, Janis Joplin, The Grateful Dead, The Beach Boys, Jefferson Airplane, Pink Floyd, The Velvet Underground etc, profundamente influenciado por experiências com LSD, Mescalina, *Cannabis* e outras substâncias psicoativas. Este movimento do Rock Psicodélico atinge seu ápice no famoso festival ao ar livre de Woodstock, que reuniu milhares de pessoas em uma fazenda no interior do estado de Nova York em Agosto de 1969, celebrando a vida, a natureza e a música nos moldes de uma comunidade temporária, durante três dias de apresentações. Ali se consolidava a famosa máxima “Sexo, Drogas e Rock n' Roll”. Esta estrutura de celebração coletiva, centralizada na música, nas drogas e em um local em contato com a natureza tem profunda influência no que duas décadas depois seriam os festivais de música eletrônica ao ar livre, e que hoje são os modelos típicos das festas de Psytrance.

Paralelamente à difusão da Contracultura pelo mundo, com vários desdobramentos, observa-se também outro movimento relevante para o fenômeno aqui abordado: as festas

⁵ Jiddu Krishnamurti (1895 – 1986) foi um filósofo, escritor e educador indiano que nos anos 1970 viajou todo o mundo dando palestras e promovendo diálogos sobre conhecimento, meditação, pensamento, sofrimento, relações humanas etc.

⁶ Num segundo momento deste trabalho, discutirei melhor o significado do termo Psytrance ao falar sobre a experiência do transe psicodélico possibilitada por um conjunto de elementos que, na festa, cria atmosferas específicas. Por agora, é importante termos em mente apenas a influência direta do contexto da Contracultura em relação ao fenômeno Psytrance.

Rave. Trata-se de festas caracterizadas pela duração prolongada de mais de 12 horas embaladas por música eletrônica e uso de drogas, que passaram a existir em torno dos anos 1980 em áreas urbanas de Chicago, Londres, Berlim e outras capitais, em espaços como galpões abandonados e subsolos. Tocavam nestas festas gêneros eletrônicos como *Acid House*, *Minimal*, *Techno*. Em decorrência de conflitos com as autoridades e setores conservadores da sociedade, estas festas adquiriram um caráter *underground*, por serem escondidas e cada vez mais afastadas da cidade, passando posteriormente a serem realizadas em chácaras, sítios e fazendas.

Os festivais de música eletrônica ao ar livre, portanto, são modelos de festa extremamente influenciados por ambas as estruturas: tanto os festivais de rock psicodélico dos anos 60, quanto as festas Rave dos anos 70 e início dos 80. Com a migração deste tipo de festa para localidades cada vez mais distantes dos centros ocidentais, a mesma toma uma faceta exótica e ecológica.

Por ora, o que mais nos interessa aqui é que houve uma difusão destes festivais para o Oriente, especialmente a Índia, incorporando elementos de sua espiritualidade. O estado de Goa se torna o destino de muitos hippies que passam a formar comunidades alternativas na região, tornando-se discípulos de gurus indianos e protagonistas da expansão do movimento psicodélico.

1.3 – Goa Trance

No primeiro capítulo de *The Local Scenes and Global Culture of Psytrance*, intitulado “Goa is a State of Mind: On the Ephemerality of Psychedelic Social Emplacements”, Luther Elliot (2010) apresenta sua etnografia argumentando especificamente sobre a transição histórica do movimento contracultural de Haight-Ashbury, em São Francisco, para Goa, na Índia. Uma das fontes para sua argumentação é o documentário *The Last Hippie Standing – Goa is not a Place, Goa is a State of Mind*, que mostra a saga espiritual e ideológica dos hippies em busca de localidades distantes do sistema ocidental, onde poderiam viver suas práticas e ideologias de maneira romântica, em um também romantizado Oriente.

Nesta etnografia, Luther Elliot conta como as praias desertas de Goa foram sendo povoadas por um número cada vez maior de viajantes ocidentais, movimento que provocou profundas modificações nas dinâmicas econômicas e culturais da região, na medida em que envolvia turismo exótico, tráfico de drogas e festivais de música.

Neste período de migração para Goa, entre 1980 e 1990, o LSD perde seu papel central, embora não fosse deixado de lado, e dá lugar à nova e (então) legal droga produzida na Europa, o MDMA, ou *Ecstasy*. Além destas, havia também um intenso tráfico e uso de *cannabis*, haxixe e heroína. Os usuários e visitantes foram então denominados *freaks*.

Assim, no início da década de 1980, foi se formando um novo cenário contracultural em Goa, protagonizado pelos *freaks* e *hippies*, o qual tecia conexões transnacionais com São Francisco, Londres, Amsterdã, Ibiza e outros grandes pólos urbanos associados à cultura musical psicodélica. A música eletrônica, a esta altura, já era largamente produzida e consumida na Europa e nos EUA. As novas tecnologias como a Digital Audio Tape (DAT) e o *Ecstasy* possibilitavam uma grande diversidade de experimentalismos lúdicos e musicais, também associados à música punk, soul e reggae.

As praias desertas da Índia se tornam, então, o novo paraíso Hippie:

The image of Goa as a haven for hippies continues even to the present, as some backpackers attempt to recreate the ‘hippy experience’ while in Goa (and elsewhere in India for that matter) – through clothing styles, drug consumption, and more recently, through rave parties in a contemporary evocation on the “Freak” past. (ELLIOT, 2010: 42)

No início da década de 1990 se consolidaria de fato o estilo musical conhecido como Goa Trance, cujo principal progenitor foi o Dj Goa Gil, guitarrista das ruas de Haigh-Ashbury que se mudou para Goa, tornando-se discípulo de Bhagwan Shree Rajneesh (mais conhecido como Osho), um líder espiritual polêmico cujas práticas envolviam meditação ativa e amor livre.

Osho se consolidou como um guru moderno, por ser aberto a discípulos ocidentais, por ele chamados de *Sannyas* ou *Sannyasin* (“aquele que se inicia no caminho da espiritualidade”), em sua maioria *freaks* e *hippies*, que encontraram em sua filosofia a união entre a ação no mundo (materialidade, trabalho, consumo) e a espiritualidade mística (fuga do mundo, meditação). Este personagem foi sem dúvida um dos principais porta-vozes do movimento Nova Era, e seus discípulos foram e são difusores de práticas e modos de vida alternativos, assim como alguns deles são os criadores do Goa Trance.

Goa Gil, como um de seus mais conhecidos *Sannyas*, cria neste contexto um novo modelo de festival ao ar livre que une a música eletrônica, o uso de substâncias psicoativas, o conceito de meditação ativa pela dança e a yoga. O modelo destas festas se baseia no que o próprio Goa Gil em diversas entrevistas coloca como “a redefinição dos antigos rituais tribais

no século 21”. Nessa perspectiva, o modelo das festas de lua cheia (*Full Moon Parties*) em Goa estaria trazendo de volta a essência dos rituais xamânicos e tribais das “antigas sociedades”.⁷

Em entrevista realizada pelo antropólogo Tiago Coutinho Cavalcante (2005), na sua dissertação de mestrado denominada *O êxtase urbano: Símbolos e Performances dos festivais de música eletrônica*, Goa Gil explica:

For me it is the old time religion. Since the beginning of time mankind has used music and dance to commune with the Spirit of Nature and the Spirit of the Universe. We are using the Trance music and the Trance Dance Experience to set off a chain reaction in consciousness. This is what we call ‘Redefining the Ancient Tribal Ritual for the 21st Century.’ (...) The music and the whole party becomes an offering to the Cosmic Spirit May Lord Shiva, Nataraj, Lord of the Dance come to this place and bless everyone. (...) Dance is the active meditation (GOA GIL apud CAVALCANTE, 2005: 144).

Neste discurso identificamos precisamente a noção de rearranjo dos elementos de tradições culturais diversas, o qual se apresenta como característica essencial do movimento Nova Era, que redescobre e ressignifica a espiritualidade num contexto pós-moderno. Ao mesmo tempo, por sua trajetória de vida, nascido na Califórnia e tornado um “guru” na Índia, Goa Gil é um ícone representativo da relação intrincada entre a Contracultura, a Nova Era e o Psytrance.

Ao longo do tempo, o Goa Trance foi apropriado pela indústria da música e deu origem ao Psytrance. Dos anos 1990 em diante, com a ascensão e declínio do Goa Trance e do cenário cultural de Goa, o Psytrance se popularizou e passou a ser produzido por vários DJs e gravadoras do mundo todo.

O estilo nasceu nas praias de Goa, na Índia. Os maiores astros vêm de Israel. As festas em geral acontecem muito longe das grandes metrópoles e duram dias a fio, com a música tocando sem parar. A inspiração está em Woodstock. O astral mescla o espírito dos hippies à tecnologia digital. O resultado dessa mistura excêntrica atende pelo nome de psy-trance, ou trance psicodélico, ou ainda, na abreviação que está na boca da galera, psy. (Disponível em: <psytrancedf.com>)

Consolida-se, então, a máxima desse contexto sócio-musical: “Goa is not a place, Goa is a state of mind” (ELLIOT, 2010). É uma referência ao fato de a “essência” dos festivais realizados em Goa estar presente no imaginário de todos aqueles que, em diversas partes do mundo, produzem e frequentam essas festas. Goa, a origem do Psytrance, passa a ser, então,

⁷ Sobre a emergência dessa noção neo-ritualística do então novo estilo musical, há uma referência intitulada *Redefining The Ancient Tribal Ritual for the 21st Century: Goa Gil and The Trance Dance Experience*, de Michael Belden McAteer, 2002. O tema voltará a ser abordado mais adiante neste trabalho.

um estado de espírito a ser ritualmente alcançado através da experiência com o novo gênero musical. Isso demonstra o caráter transnacional desta cultura musical que, fruto da globalização, passa a ser produzida e experimentada por indivíduos de diversas partes do mundo e que constrói um imaginário simbólico global unindo o uso de substâncias psicodélicas, hinduísmo, xamanismo, ecologia, alta tecnologia, fraternidade etc.

Mais especificamente, a relação entre o Brasil e o contexto Nova Era pode ser esclarecida a partir da tese de Sandro Martins de A. Santos, a qual dá indícios de uma “outra globalização” (SANTOS, 2013). Dentro do contexto de Goa, Santos explica a formação de comunidades espirituais denominadas *Ashram*, que aprendiam, experimentavam e difundiam as inúmeras práticas conhecidas hoje como neo-esotéricas.

(...) uma família composta por pessoas de diferentes países, com distintas heranças culturais, migrantes transnacionais reunidos sob um propósito de convivência cosmopolita alternativa baseada na ecologia, na fraternidade e na espiritualidade. (SANTOS, 2013: 17)

O autor identifica os indivíduos protagonistas desta migração espiritual global como “buscadores”, referindo-se à busca espiritual que promovem, saindo de seus países de origem e procurando localidades místicas e espirituais, “com histórico de comunidades alternativas e outras experiências contraculturais como Goa, na Índia e Ibiza, na Espanha” (SANTOS, 2013).

Da Índia, os discípulos de Osho e outros freaks dispersaram pelo planeta, reencontrando-se periodicamente em Festivais contraculturais ou localidades com algum apelo de exotividade onde se desenvolveu uma condição de receptividade ao estilo de vida alternativo. Os buscadores se reúnem onde existam espaços de experimentações sensuais e também de entrecruzamento de trajetórias de praticantes de meditação, terapias, yoga, etc (SANTOS, 2013: 128).

A obra de Santos (2013) dialoga diretamente com as investigações de Amaral (2002) e Magnani (1999), e vai mais longe ao dedicar dois capítulos exclusivamente para tratar do contexto do Psytrance em Goa. Neste sentido, é importante para estabelecermos a ponte entre todo o histórico até aqui reconstruído e o contexto brasileiro e brasiliense.

Conforme o autor, alguns brasileiros já participavam das festas em Goa e se tornaram *Sannyasins* de Osho, entrando em contato com o cenário cultural, musical e tecnológico do fenômeno Psytrance. Dois dos principais personagens que trouxeram a música e o modelo de festivais para o Brasil são Kranti e Swarup, brasileiros idealizadores e produtores de alguns dos primeiros festivais nacionais: Festival do Kranti e Universo Paralelo.

Kranti e Swarup, cujos nomes foram dados por Osho em pessoa, são pioneiros na realização de festivais de música eletrônica no Brasil e moradores de Brasília - DF. Ambos começaram seus festivais na Chapada dos Veadeiros no fim da década de 1990 e passaram a difundir a cultura Psytrance no Centro-Oeste.

Tida como um lugar sagrado pelos buscadores da Nova Era, a Chapada dos Veadeiros em Goiás conta hoje com uma população significativa de estrangeiros, provenientes majoritariamente dos EUA e da Europa, que procuram um estilo de vida alternativo em relação à vida típica dos centros urbanos, buscando agregar o “tripé cosmopolita: fraternidade, ecologia e espiritualidade” (SANTOS, 2013). As primeiras festas que realizaram na Chapada dos Veadeiros entre 1997 e 2000 se consolidaram como festivais “tradicionais”, raízes do Psytrance no Brasil: o Festival Alternativo do Kranti (no qual tive a oportunidade de participar e trabalhar) e um dos maiores festivais de música eletrônica do mundo, o Universo Paralelo. Esses eventos, que já contam com quase duas décadas, são a principal influência das demais festas de Psytrance organizadas em Brasília – DF.

Há 15 anos, uma pequena festa de Ano Novo acontecia nas montanhas do Planalto Central do Brasil. Atendendo ao chamado, algumas centenas de pessoas saíram dos quatro cantos do país para juntos, construirmos aquele que seria o primeiro Festival Universo Paralelo. Foram três edições realizadas no ambiente mágico da Chapada dos Veadeiros. Foram três eventos épicos, porém incrivelmente desafiadores, tanto para o público, que enfrentou o intenso regime de chuvas, característico dessa época na região, como para os organizadores. Logo após a terceira edição, que veio a ser a última na Chapada, Swarup decide que a Bahia poderia ser um bom caminho. Uma base mais amigável, uma praia de águas e ventos acolhedores, um povo aberto e festeiro, o berço do trance no Brasil. E assim, como ciganos, desmontamos a tenda e botamos o pé na estrada. (Up Crew. Disponível em: <universoparalelo.org.br>)

Inserido nesta globalização alternativa, o Psytrance chega até Brasília, tanto por ser um grande centro urbano brasileiro quanto pela proximidade com a Chapada dos Veadeiros, conhecida por sua natureza mística e esotérica, um retiro espiritual de “buscadores” provenientes do mundo todo, e local de nascimento do maior festival de Psytrance do Brasil.

No site do FAK (Festival Alternativo do Kranti), Kranti conta:

Cheguei na Índia no verão de 89-90 e logo conheci as festas de Goa Psychedelic Trance. De início me pareceram estranhas com suas sonoridades eletrônicas, embora me fascinaram visualmente pelas pinturas fluor e malabares de fogo. Devagar passei a frequentá-las, em Goa, levadas por Goa Gil, dentre outros, e em Poona por Antaro (Spirit Zone, Voov) dentre outros. (Kranti Pessoa. Disponível em: <kranti.com.br>)

A partir de então Kranti relata sua trajetória no Psytrance, que começou como a comemoração de seu aniversário e como um *after* do Universo Paralelo. Assim como Goa Gil é uma referência que liga São Francisco a Goa, Kranti e Swarup são personagens que conectam o cenário cultural de Goa com o Brasil, em Trancoso – BA, Alto Paraíso de Goiás – GO, e conseqüentemente, Brasília – DF.

Vemos, dessa maneira, que o Psytrance tem uma curta, porém complexa trajetória, começando na Contracultura e se espalhando pelo movimento Nova Era até se estabelecer no contexto atual. Vários protagonistas criadores desta cultura musical foram indivíduos que seguiram esta trajetória de busca espiritual.

Partindo deste histórico, concluo que aquilo que poderíamos chamar de “essência” do Psytrance – isto é, o conjunto dos elementos presentes na sua origem – perpassa as noções de espiritualidade, ecologia e expansão da consciência dentro de um contexto lúdico ritualístico, no qual os diversos grupos compartilham, dentro de suas diferenças, sentimentos de uma fraternidade cosmopolita. Observamos, em blogs e sites locais, indícios claros desta bricolagem que fundamenta o imaginário da cultura Psytrance. O site psytrancedf.com, por exemplo, divulgando o trabalho de um determinado Dj, nos apresenta um bom exemplo:

(...) o projeto ‘Ramatis’ tem por finalidade transmitir a boa energia que a música nos proporciona. Com uma linha musical de bass lines sérios porém repleta de atmosferas espirituais, indígenas, transcendentais, melódicas, psicodélicas, com pegadas altamente motivadoras e dançantes! com intuito de elevar seu público a profundas experiências de libertação e expansão de consciência! (Disponível em: <psytrancedf.com>)

No mesmo sentido, numa postagem para o site purpletrance.com, o DJ Randlely discute a relação entre o Psytrance e a espiritualidade típica da Nova Era:

A Espiritualidade que emana da música eletrônica é um tema raramente explorado e debatido por pensadores, espiritualistas, produtores e DJ’s – o que me causa surpresa, já que, convenhamos, estamos falando de um tipo de música de forte apelo espiritual. Não hesito em apontá-la como a música do futuro, a expressão da Nova Era. (...) O som cósmico, emotivo, melódico e entorpecente do trance exala espiritualidade e faço uma aposta que ele será o estilo musical favorito da maioria das crianças índigo dessa Nova Era. (Dj Randlely. Disponível em: <purpletrance.com.br>)

A Nova Era, portanto, não só está intimamente relacionada ao surgimento do Psytrance, como é parte do mesmo, sendo causa e efeito. Por isso, as festas possuem uma nova proposta na tentativa de se consolidarem como comunidades alternativas temporárias

que agregam práticas espirituais, artísticas, de cura e lazer. A “essência” do Psytrance é resultado desta bricolagem contemporânea, que envolve a busca espiritual e da expansão da consciência em torno de uma maneira lúdica de se construir novas relações entre as pessoas e com o planeta, contrapondo-se ao status hegemônico do desenvolvimentismo econômico, o individualismo competitivo, o fundamentalismo religioso e o racionalismo filosófico que compõe a vida moderna.

Uma forte expressão dessa procura pela “essência primordial humana”, contrastada com o mundo moderno, são as festas e os festivais ao ar livre, cujo modelo propõe uma ressignificação dos rituais religiosos de sociedades não-ocidentais e pré-industriais em pleno século XXI, agregando a isso os instrumentais químicos e tecnológicos. É na direção dessas festas que nos voltaremos no próximo capítulo.

Capítulo 2

AS FESTAS E OS FESTIVAIS

O presente capítulo irá primeiramente descrever a estrutura e a dinâmica das festas e, em segundo lugar, apresentar dados das páginas virtuais e fotos dos eventos frequentados, intercalando os caminhos analíticos que serão desenvolvidos no decorrer da dissertação. Será utilizado o termo *trances* para se referir às festas, visto ser a denominação nativa mais recorrente. O termo indica uma forte associação entre o Psytrance e as Raves. Apesar de serem dois fenômenos diferentes, essa relação demonstra uma predominância do estilo musical Psytrance nas festas do tipo Rave em Brasília. Faz-se necessário lembrar aqui, a título de esclarecimento, a diferença entre ambos.

Psytrance é um gênero de música eletrônica entre tantos outros, como Techno, Drum n' Bass, House, Electro, Minimal; contudo, o termo remete também a toda uma cultura musical envolvendo símbolos, estéticas, sociabilidades, consumo, noções de espiritualidade, preocupações com a ecologia, enfim, uma identidade específica. Rave, por sua vez, é um determinado modelo de festa surgido na década de 80 em Londres e Chicago, caracterizado pela predominância da música eletrônica ininterrupta, duração prolongada de 12 a 18 horas, realizada normalmente em áreas rurais como chácaras, sítios e fazendas, ou solos e galpões abandonados na própria cidade. Apesar deste padrão, não há uma definição precisa deste tipo de festa, já que podem ocorrer Raves Indoor (em ambientes fechados) e Open Air (ao ar livre), assim como podem ou não ser definidas a partir do uso de drogas e utilização de decorações psicodélicas, lasers, projeções visuais etc.

O modelo predominante das festas consideradas Rave em Brasília segue o padrão de realização em ambientes rurais que proporcionam contato com a natureza, com aproximadamente 18 a 24 horas de duração e predominância do gênero Psytrance. São decoradas com tendas de bambu e lycras coloridas, lasers, projeções visuais e mantêm uma estrutura básica de estacionamento, pista de dança, bar e espaço para camping. Segundo minhas observações, o que caracteriza uma *trance* em detrimento de outras festas é a saída do ambiente urbano, a pista de dança a céu aberto e a duração prolongada de 12 a 24 horas. Esta estrutura demanda a organização de transportes coletivos, a disponibilidade de áreas de

camping, lazer e esporte, criando sociabilidades específicas incomuns em outros tipos de festa.⁸

2.1 - Os Modelos de Festa

É possível dizer que as festas analisadas nesta pesquisa se enquadram em dois tipos contrastantes: festas de pequeno porte (*Privates* ou PVTs) e festivais. Estabelecer estes dois tipos possibilita um contraste enriquecedor já que podemos analisá-los como extremos de um *continuum*, duas manifestações distintas de um mesmo fenômeno. Desta maneira podemos comparar suas estruturas e dinâmicas, demonstrando diferentes facetas do que é a cultura Psytrance.

Tal comparação nos auxilia na medida em que indica um movimento, o qual parte do modelo de festa próximo aos originais – no caso, os festivais – e segue até o modelo mais corriqueiro e atual, adaptado ao sistema produtivo da vida urbana: as festas privadas. Segundo o discurso de “perda da vibe”, a essência do Psytrance estaria mais conservada nos festivais e se perdendo nas festas menores, organizadas com mais regularidade nos fins de semana.

Os festivais são, portanto, modelos mais próximos das origens do Psytrance, realizados em localidades exóticas, afastadas do centro urbano. Duram de 3 a 7 dias e contam com estruturas organizadas: camping com cozinha e banheiros comunitários, bancas de comida, lojas de artesanato, tabacarias. Além disso, oferecem apresentações e performances de artistas visuais, plásticos e circenses; palestras sobre ecologia, sustentabilidade, saúde, espiritualidade; workshops e oficinas de música, Yoga, artesanato; palcos alternativos voltados a outros estilos musicais como o Chill Out etc.

A experiência proporcionada por este modelo é extremamente ampla em relação à música eletrônica que, apesar de ser a atração principal, não reduz a dinâmica do evento. A proposta deste modelo é construir vivências e convivências extraordinárias e alternativas, reproduzidas por cada festival, em cada época e lugar. Atualmente há um enorme calendário de festivais que acontecem durante o ano em todo o território nacional, formando a comunidade e o circuito de Psytrance pelo Brasil. Os principais festivais frequentados pelos meus interlocutores nesta pesquisa são: FAK-Festival Alternativo do Kranti, em Formosa –

⁸ Festas urbanas costumam acontecer em clubes ou boates noturnas e fechadas, o que impede a realização destas outras atividades durante o evento.

GO; Zuvuya, em Luziânia - GO (que já contou com a presença de Goa Gil); Ressonar, em Lençóis – BA; Samsara, em Uberlândia – MG; Insight, em Cavalcante – GO.

Por outro lado, as *privates* ou *PVTs* são festas pequenas de curta duração que ocorrem num final de semana, frequentadas pelos Dj's e seus convidados, assim como alguns “convidados de convidados”. Normalmente começam as 22h00 e duram até 17h00 do dia seguinte, de sexta para sábado ou sábado para domingo. A estrutura é basicamente “as caixas, a tenda, o bar e boom boom boom...”, nas palavras de um interlocutor. A dinâmica deste modelo é bem sucinta comparada a dos festivais, se reduzindo quase que exclusivamente à música eletrônica e à experimentação de estados alterados de consciência. Esta menor complexidade estrutural e logística não cria, contudo, menor complexidade no que diz respeito às lógicas de sociabilidade, como veremos. Observando, portanto, o contraste entre estes dois modelos de festa, podemos fundamentar a noção da “perda da essência” nas festas de Brasília. De uma convivência prolongada e holística como os festivais até uma experiência mais sucinta como uma PVT, há uma distância que revela transformações e gera críticas por parte do público.⁹

É necessário destacar a enorme quantidade de festas que acontecem num período de seis meses, visto a crescente difusão da cultura de música eletrônica na cidade. Constantemente estão surgindo novas produtoras, novos eventos e novas pessoas sendo introduzidas nesse universo. Estes encontros, contudo, não são meramente pontuais, pois realizam diversas edições dentro de um calendário anual. Observei que os produtores de todas estas festas se conheciam e se apoiavam mutuamente. Além do fato de algumas terem ocorrido nas mesmas chácaras, em alguns casos os produtores também compunham as mesmas equipes de apoio, decoração, do gerador de energia, e divulgavam seus respectivos eventos nas páginas virtuais. Isso explicita uma rede de conexões que tece um cenário de música eletrônica em Brasília.

Apesar dos meus esforços em acessar essa rede, reconheço que a abrangência dos dados obtidos é ainda limitada quando comparada à quantidade de festas que aconteceram em todo o semestre de 2015. Todos os finais de semana ocorrem festas, *privates* ou não, festas

⁹ Como iremos ver à frente, segundo a análise aqui empreendida, um dos principais elementos a caracterizar essa transformação é a inserção de novos personagens nas festas e no cenário de música eletrônica da cidade. Estes novos atores, tendo acesso à experiência *trance*, ressignificam o evento e remodelam os propósitos, valores e comportamentos difundidos nesta cultura de acordo com sua visão de mundo e seus condicionamentos sociais.

pequenas e locais, assim como outras mais comerciais (que podemos considerar um tipo intermediário) e que não foram objeto de análise em sua totalidade. Desse modo, no período entre o trabalho de campo e a produção desta dissertação, muitas festas deixaram de acontecer, algumas mantiveram sua tradição, enquanto outras ganharam visibilidade no cenário atual. Essa fluidez e mobilidade, como destacado anteriormente, são fortes características da cultura Psytrance e da contemporaneidade como um todo.

Este fato não é visto como um impasse etnográfico, e sim como um dado. A produção deste tipo de festa está em intensa experimentação por jovens de diversas procedências sociais. Enquanto há as produtoras, Dj's e públicos pioneiros como Kranti, Swarup e outros, há também novos grupos adentrando este universo, gerando um fluxo constante da experiência *trance*. Por isso, este trabalho se preocupa mais em buscar compreender parte de um discurso e um processo, um momento pelo qual está passando a cultura de música eletrônica na cidade (que é a “perda da *vibe*”) e menos em estabelecer uma definição exata do que é uma festa de música eletrônica ou do tipo de pessoa que a frequenta.

2.2 - O Tempo e o Espaço da Festa

Para a descrição e análise da temporalidade e espacialidade de uma festa *trance*, vou me ater a componentes observados em todas as festas que participei, os quais considero elementares para caracterizar este tipo de evento. Esta descrição será mais focada nas festas Privates, as quais são objeto do discurso de “perda da essência”.

A centralidade da festa está na pista de dança, delimitada pela tenda de bambu e lycra e pelo paredão de caixas de som. Há também uma estrutura básica para o bar e banheiros químicos. Eventualmente, algumas chácaras proporcionam uma piscina, lago, gramados ou bosques. As caixas de som marcam uma divisão entre a pista de dança e a cabine do Dj (*Disc Jockey*). Esta fica em cima de um tablado de madeira, protegida por uma pequena tenda, também decorada, onde é montada a CDJ (*Compact Disc Jockey*), o aparelho de tocar CDs utilizado pelo Dj (fig. 1).

Figura 1: Festa Cidadãos do MainFloor. Cabine do Dj e pista de dança. Publicada temporariamente na página virtual do evento



No centro, há caixas enfileiradas no chão e, em cada lateral, há caixas dispostas às vezes penduradas por uma estrutura metálica, às vezes apenas empilhadas umas sobre as outras (fig. 2). Tal configuração possibilita diversas experiências com o som e seu impacto sobre o corpo, a depender do posicionamento da pessoa.

Figura 2: Festa Cidadãos do Mainfloor. Estrutura de som vista de frente. Publicada temporariamente na página do evento



A região de maior proximidade com as caixas é uma área peculiar de se dançar, onde é possível sentir a vibração sonora dominando todo o corpo. Apenas alguns têm a disposição

para se expor a tal impacto. No centro da pista, há maior equilíbrio sonoro, visto ser possível ouvir os graves e demais efeitos emanados por ambos os lados. Assim, sente-se de maneira completa todos os elementos do som, tal qual elaborado pelo Dj.

Exceto em grandes festivais internacionais, não há camarotes ou áreas VIP numa *trance*, de modo que existe uma acessibilidade mais igualitária ao espaço da festa. A própria pista de dança não tem limites físicos específicos, contudo é identificada a partir da abrangência da tenda e da presença do impacto sonoro, formado pelas caixas de som.

Além do espaço físico das festas, a Internet é o principal meio de coesão da comunidade, promovendo socialização de frequentadores, Dj's e produtores, divulgação de eventos, compartilhamento de experiências, venda de roupas, acessórios, ingressos, troca de bens e serviços, músicas (*tracks*), notícias, entrevistas etc. Este instrumento permite que as redes de sociabilidade se mantenham e se fortaleçam para além do momento das festas, gerando uma reprodução constante da cultura de música eletrônica, criando redes e dando coesão e legitimidade aos grupos.

Vale ressaltar que o surgimento do Goa Trance coincide com o advento da Internet como tecnologia digital de massa nos anos 90. A cultura musical eletrônica se desenvolve conjuntamente com o *cyber espaço*, desse modo, é eletrônica não apenas no sentido da produção musical, mas também no desenvolvimento e difusão das práticas, símbolos e sociabilidades.

A página virtual dos eventos pode ser, portanto, o primeiro e último momento de uma festa. Ali estão contidas todas as informações necessárias: o local e horário, os preços da entrada e do estacionamento, restrições sobre a entrada com comida e água, as atrações do local (lagos, piscinas, cachoeiras), expectativas do público, divulgação do trabalho dos Dj's e eventuais artistas que se apresentarão na festa, e (após a festa) os *feedbacks*, impressões, esclarecimentos, novos eventos, próximas edições etc. É aí que se encontram também fotografias – muitas das quais utilizadas neste trabalho – que servem para destacar momentos considerados de maior importância e construir uma memória do evento. O olhar do fotógrafo é um olhar que seleciona e põe em relevo dimensões da festa que merecem a atenção do pesquisador.

Na página é divulgado o chamado Line Up, que consiste na lista programada dos Dj's que irão tocar e os horários específicos. Tal lista é organizada de acordo com o estilo sônico

de cada Dj juntamente com o horário mais propício para cada vertente do Psytrance, como veremos adiante. O Line Up é muitas vezes o principal atrativo; é por sua causa que as pessoas escolhem ir ou não na festa e classificam sua qualidade.¹⁰

Ali também são formados os “bondes”, caronas solidárias ou transportes coletivos contratados para levar as pessoas para a festa. Trata-se de pessoas desconhecidas que se organizam com um fim em comum, numa proposta de coletividade tanto pragmática e logística como lúdica, dispostas a se conhecerem e a compartilhar a experiência *trance*. Nas festas por mim frequentadas, o público, organizado em bondes coletivos, alugava vans e ônibus para os eventos, principalmente provindos das periferias de Brasília. Esse tipo de transporte era regionalizado, isto é, ofereciam o “serviço” para aqueles que moram em áreas específicas da cidade, com muitos bondes da Samambaia, Ceilândia, Gama e Sobradinho. Não foi muito comum a organização destas excursões partindo das áreas habitadas por uma população de classe-média, como o Plano Piloto, Sudoeste, Guará e Águas Claras, já que a recorrência de carro por pessoa é maior. Houve, contudo, intensa troca de ofertas e pedidos de carona, levando também à formação de bondes de um ou mais carros.

É por meio desta prática de socialização que muitas pessoas se conhecem e firmam relações. Apropriando-me dela, desenvolvi minha estratégia de inserção neste circuito de festas, de modo que pude oferecer e pegar caronas, conhecendo a maior parte das pessoas com quem me relacionei. O bonde é ao mesmo tempo um artifício logístico e de sociabilidade, ajudando a caracterizar a sociabilidade específica das *trances* em Brasília. A evasão do ambiente urbano e a organização destes transportes coletivos criam uma dinâmica peculiar em relação a outras festas, que se limitam ao espaço da cidade.

Normalmente, todo esse processo de deslocamento é o momento do “esquentar”, quando todos começam a beber, fumar, ouvir Psytrance no som do carro, a se aquecer para a dança, ou seja, “esquentar para os trabalhos”, “entrar na energia da festa”, ou, para utilizar um termo recorrente, entrar na *vibe*.¹¹ Em contraposição, após a festa há o *after*, que pode ser outra festa, um parque, lago ou apenas um momento de relaxar para se reconectar com a dinâmica da vida normal. Insisto com isso que a delimitação temporal do evento se estende para além da festa propriamente, revelando etapas distintas que se sucedem e se

¹⁰ Na próxima seção deste capítulo irei mostrar dois Line Up extraídos das páginas virtuais dos eventos.

¹¹ Uma noção central deste trabalho que será discutida no próximo capítulo.

complementam na construção de uma experiência que se reproduz de modo relativamente estruturado.

Formados os bondes e chegando ao local da festa, há o momento de montar as barracas, de estabelecer um “ponto de apoio”, local para descansar, sociabilizar e afastar-se temporariamente da pista de dança (fig. 3). A possibilidade de acampar ou fazer fogueira é também uma característica importante dessas festas. O ato de acampar, garantindo a existência de um contexto adequado para o estabelecimento de formas de sociabilidade, é uma prática importante que contribui para o sucesso do evento.

Dessa maneira a festa se torna uma espécie de pequena viagem, já que não só se muda de ambiente como também a permanência no local é prolongada, permitindo às pessoas aproveitar várias atividades (esportes, malabares, brincadeiras) que não apenas a dança, utilizando o tempo e o espaço de maneira a quebrar a dinâmica da vida cotidiana produtiva e consumista.

Figura 3: Festa Cidadãos do Mainfloor . Área de camping e descanso. Publicada temporariamente na página do evento



Importa mencionar aqui a dimensão das regras e do controle nas festas. Compartilha-se uma ideia de que nesses eventos não haja horários ou sanções a serem cumpridas, possibilitando um maior relaxamento e diversão. Isso não significa, porém, que não haja quaisquer regras ou limites de conduta. A ausência de autoridades (como os pais e policiais), de mídias corporativas e da temporalidade laboral permite uma quebra com o cotidiano, mas por outro lado gera outras relações e convenções que predominam. Observamos, por exemplo, a forte presença das equipes de segurança contratadas para a festa, limites e cuidados com as

estruturas de iluminação e de som, o respeito com os limites espaciais da chácara e as áreas de camping (“proibido acampar na pista”), placas incentivando o cuidado com lixo e bitucas de cigarro, a boa convivência na pista de dança (“repare menos e dance mais”) e uso consciente de substâncias (fig.4).

Figura 4: Festival Insight. Placa de conscientização. Publicada temporariamente na página do evento.



As expectativas e os compartilhamentos na página do evento, o bonde, o esquentar, o acampamento, a permanência na pista de dança e o *after* são momentos que marcam a temporalidade da experiência, que não só abrange mais que a festa propriamente dita como constrói uma ritualística em contraste com a vida cotidiana. Os bondes, o esquentar, as barracas e o *after* são momentos das pessoas se conhecerem e conversarem mais pessoalmente. O contexto da pista e do som, por sua vez, torna a dinâmica não só mais introspectiva como modifica a comunicação, onde a fala dá lugar à visão, à audição e ao movimento do corpo, às roupas, performances e danças, ao “ver e ser visto”. Noto que, ainda que os frequentadores da festa atribuam valores distintos a esses elementos, construindo uma hierarquia na qual a experiência com a música é a mais relevante, todas essas etapas têm importância na construção de um evento bem sucedido.

É na pista onde de fato se experimenta o *trance*. Não sendo claramente delimitada, o formato da pista varia de acordo com a presença ou ausência dos corpos, sua disposição no espaço, assim como seu movimento ou estaticidade. É o ponto central da festa, a relação direta do som com o corpo e dos corpos entre si. A dança, segundo Goa Gil e outros personagens do universo do Psytrance, é o ato e o momento sagrado, associado à meditação

ativa. Os olhos fechados, a ausência de conversas, pequenos sorrisos nos lábios, e a disciplina corporal são essenciais para a experimentação de uma transcendência, entendida por eles como um “trase”, conforme veremos adiante. A dança contínua é o ápice da celebração, o caminho privilegiado na busca da transcendência pela música. Apesar de cada momento aqui relatado ser um componente da experiência total da festa, todos convergem para esta união do som em altas frequências e a dança ininterrupta e meditativa.

Partindo das três instâncias (as trocas pela Internet, os bondes e as barracas), a pessoa está pronta para o ápice dessa prática ritual, centralizada no som. A experiência sonora vivenciada na pista de dança é mais que auditiva, é sinestésica, visto que a potência do som permite senti-lo vibrando em todo o corpo, juntamente com os aromas de incensos, *cannabis*, tabaco e haxixe e os efeitos visuais das projeções e das drogas. A dinâmica da festa engloba momentos de quietude e reflexão, ápices eufóricos, brincadeiras e esportes; com duração prolongada, o evento se revela em um movimento de aceleração, ápice, estabilização e diminuição, que continua no *after*, depois na Internet e enfim na próxima festa.

2.3 – O Circuito das Festas

Nesta parte do trabalho, descrevo as festas que frequentei, levando o leitor a percorrer comigo um caminho de descobertas, em que cada aspecto dos eventos vai se tornando mais familiar e compreendido. Aqui a exposição do conteúdo virtual é crucial para evidenciar os discursos ideológicos e espirituais que acompanham o movimento e os conflitos que iremos discutir no último capítulo.

A narrativa está fundamentada tanto em textos postados na Internet quanto nos diários de campo redigidos ao longo da pesquisa, que relatam impressões e sentimentos vividos pelo pesquisador. O objetivo é manter um direcionamento analítico em torno das múltiplas impressões subjetivas ocorridas em cada ocasião. Os grifos feitos nas falas expostas em seguida buscam enfatizar precisamente elementos essenciais para se compreender o discurso espiritual, fraternal e ecológico que estamos tratando, os quais serão analisados mais profundamente no capítulo seguinte.

“Selva Sound System – Preservação Underground” - (07/03/15)

SELVA SOUND SYSTEM – Preservação Underground 2015. Preservação Underground é preservar as raízes! E o "Subsolo" do DF como todos já sabem, é cheio de vida e fértil pra fazer brotar várias bandas, artistas e muita música boa! O evento vai ocorrer ao longo dos dias 7 e 8 de março em uma chácara próximo à Sobradinho I - DF, visando conforto para os que gostam de aconchego e **com vários ambientes, trilhas, córregos e muito mais pra quem gosta de uma boa aventura na SELVA. Nossa proposta é semear esse "underground" propiciando um encontro de gente alternativa para curtir a arte e a cultura produzida aqui no nosso cerrado.** O objetivo Selva é promover encontros diferenciados para juntar cada vez mais amigos ao grupo. Vamos agir pelos nossos instintos sem esquecer que somos em parte muito mais do que meros animais e usar o nosso conhecimento para realizar apenas atitudes dignas de reconhecimento. Vamos Somar, o underground não pode parar! (Disponível temporariamente na Página Virtual do Evento em: facebook.com – grifos meus)

Para este evento fui convidado por João, um conhecido que sabia de meu interesse pelas *trances* e que já as frequentava há 5 anos. Ele me incluiu em grupos do Facebook sobre Psytrance e em algumas páginas de festas, de maneira que me inseri no cyber espaço e comecei a ter acesso a este universo virtual. Formei um bonde com algumas pessoas que conheci na página da festa e nós seguimos o bonde de João. A maioria das pessoas morava em Taguatinga e a festa foi em Sobradinho, o que permitiu tempo de sobra para nos conhecermos durante a “viagem”.

Naquele momento conheci Lucas, que se tornaria meu principal interlocutor neste novo mundo em que me inseria. Além de nos encontrarmos em quase todas as outras festas que compareci, fui diversas vezes à sua casa e frequentamos outros tipos de festas eletrônicas dentro da cidade. Em direção à festa, Lucas se mostrou conhecedor do universo *trance*, explicando o surgimento dos festivais em Goa e a perspicácia dos Dj’s israelenses, que popularizaram o Psytrance e criaram novos gêneros, dentre eles o Dark, muito conceituado em Brasília. Além disso, também me introduziu no universo das substâncias psicodélicas, falando sobre sua produção, distribuição e consumo. Discorreu sobre a qualidade de cada substância, a melhor maneira de conservá-la e usá-la, a associação de drogas específicas com sonoridades específicas etc.

A festa ocorreu em uma chácara na região rural e teve a proposta de ser um evento que agregasse a “cultura underground e alternativa do cerrado” com a apresentação tanto de bandas como de Dj’s. Não foi em si uma festa Rave pela pouca experiência da produção e porque era uma festa que contava com um palco voltado para bandas que faziam som instrumental não eletrônico. Apesar disso, este evento me apresentou de forma genérica o que

significava uma *trance*, pelo fato de ter sido realizada ao ar livre longe do centro urbano, ter espaço para acampamento, ter a duração de no mínimo 12 horas e cuja música foi tocada ininterruptamente. Tomei conhecimento das principais características do que é uma *trance*, as inúmeras vertentes em que este tipo de música se ramifica, a estrutura básica de som, decoração e logística, a relação da dança com a velocidade e estilo da música, a relativização do tempo e do espaço e o uso de drogas, fatores que serão objeto de análise no capítulo seguinte.

A natureza da música eletrônica, pela quantidade de camadas de efeitos e batidas, demanda muita energia e qualidade do sistema de som (*Sound System*), assim como geradores de energia potentes, já que a música é tocada ininterruptamente por horas numa altura elevada. Normalmente festas de pequeno porte apresentam problemas com a qualidade do sistema de som, que não consegue reproduzir a música pela falta de potência, tocando baixo demais, ou simplesmente acaba queimando. Esses fatores geram enorme revolta e ansiedade do público que, no meio da madrugada, longe de tudo, é privado do principal motivo de estar ali, a música.

Por parte dos frequentadores assíduos de *trance*, o respaldo dessa festa foi razoável. No meu ponto de vista, tudo era novo e eu tentava, sem sucesso, observar, anotar e assimilar todos os acontecimentos, procurando ficar acordado e atento as 12 horas seguidas. Aos poucos fui estabelecendo estratégias mais eficazes de observação participante e compreendendo que descansar nas barracas também faz parte da experiência.

A partir de então fui seguindo o fluxo virtual, sendo convidado para outras festas e ficando a par do circuito de eventos existente na cidade e arredores, me introduzindo de forma antropológica num contexto alheio. O segundo evento de que participei se apresentou curiosamente num contraste enorme, por ter sido um festival de 4 dias na Chapada dos Veadeiros, extremamente diferente da pequena festa *private* que pouco conseguiu se legitimar como uma Rave.

“Festival Solo Sagrado” - (02/04 a 05/04/15)

Após 2 anos produzindo mensalmente eventos em diversos seguimentos , chegou a hora de retribuirmos a nós mesmos , e aos que sempre contribuíram para que tudo acontecesse. E essa retribuição não poderia vir de outra forma, a não ser com uma **celebração de 4 dias em meio a uma natureza bela e impecável , que é a Chapada dos Veadeiros. No intuito de celebrar junto à natureza , a arte e a cultura** , respeitando todo o espaço no qual habitaremos durante a semana santa , é que escolhemos o nome de Solo Sagrado para nosso festival.

Pois passou da hora de **tomarmos consciência** que o que temos de mais **sagrado** no mundo é o chão onde pisamos. A grande obra divina vem da terra, das belezas naturais, da água pura que corre entre ela e que transforma tudo ao nosso redor em vida. Dependemos de tudo que vem do solo para sobreviver, e mesmo assim ainda falta consciência disto tudo. Em processo acelerado de **degradação do meio ambiente e escassez de água**, é que varias **pessoas de luz e visão**, a cada dia que passa, vem se identificando, e se unindo em prol de uma conscientização e proteção do mesmo. Somente os fortes terão o merecimento ao fim dos tempos. **É tempo de mudança, conhecimento e respeito à natureza.** (Disponível temporariamente na Página Virtual do Evento em: facebook.com – grifos meus)

Na página virtual da Selva Sound System, me convidaram para este festival, que considerei extremamente providencial. De uma pequena festa nos arredores de Brasília embarquei numa viagem de seis dias com desconhecidos para conhecer de fato o que é um Festival de Psytrance. A página do evento na Internet (acima) já revelava a preocupação dos organizadores com questões relativas à espiritualidade e ao meio ambiente. Este evento ocorreu próximo à Vila de São Jorge na Chapada dos Veadeiros (GO), numa chácara de mata preservada. No dia 01/04/15, formei um bonde com quatro pessoas, uma de Brasília e três de Anápolis.

Após uma longa viagem, indo de Brasília a Anápolis e desta até São Jorge, passando por Niquelândia e Colinas do Sul, passamos a primeira noite em um camping para irmos até a chácara do festival no dia seguinte.

Ao amanhecer fomos até a portaria do festival comprar as pulseiras de entrada. As meninas quiseram esperar seus amigos de Anápolis que vinham em outro bonde, pois eles iriam “dar um jeito” delas entrarem sem pagar. A entrada custava 250 reais, o que foi um impasse para as garotas, que procuravam uma maneira de burlar os seguranças. (trecho do diário de campo)

Nesses quatro dias de imersão no universo do transe psicodélico, pude estabelecer uma intimidade maior com a dinâmica deste tipo de festa, divida entre o “estar na pista”, o “estar nas barracas” e o “estar no mato”. A todo o momento há pessoas na pista, ora mais lotada ora quase completamente vazia. Alheio a esta lógica, o som continua ininterrupto. Às vezes há pessoas que permanecem horas e horas muito próximas às caixas ou no miolo da pista. O uso de drogas repassa toda a experiência e é quase generalizado.

Em alguns momentos, os participantes estão todos gritando e dançando. Às vezes, todos quietos e calados. Em determinados momentos, sente-se uma alegria extrema e uma dissociação do tempo, quando só o que existe é o agora; em outros, há certa apreensão, numa atmosfera de mistério e distorção da noção de espaço.

Os dois ambientes, Mainfloor e Chill Out, emanavam atmosferas extremamente distintas, onde, no primeiro, parecia estar havendo uma guerra espacial, enquanto no outro havia uma sensação de descanso e paz de beira de riacho. (trecho diário de campo)

Havia grupos que permaneciam nas barracas o dia todo e só saíam para a pista durante a noite. Outros faziam o contrário. Havia também aqueles que frequentavam basicamente apenas o Chill Out e o rio, enquanto alguns resistiam incansavelmente no MainFloor.

A madrugada parecia durar dias. Enquanto observava a lua para ter uma noção de que horas eram, a pista de dança fervia, muitas coisas aconteciam, apesar de nada parecer acontecer. Alguns grupos adentravam o ambiente e saíam repentinamente, algumas pessoas conversavam, mas pareciam não se conhecer. (trecho diário de campo)

Esta experiência foi um desafio tanto físico quanto psicológico, já que não era acostumado a ouvir por tantas horas um som tão alto e excêntrico, muito menos permanecer dias sem ter noção do tempo e espaço do mundo, comendo e dormindo em horários totalmente inversos. Naqueles dias também experimentei as primeiras drogas psicodélicas e seus efeitos, combinados com as construções visuais e sônicas do ambiente, passando horas imerso em uma introspecção ativa e frenética, sem conversar ou mesmo olhar nos olhos de algum conhecido.

O *feedback* do Festival na Internet foi positivo, pois toda a estrutura funcionou na medida do possível, a decoração estava bem feita e a música de qualidade (fig. 5).

PÓS- FESTA: Viemos em nome da **Familia Solo sagrado**, agradecer a todos que fizeram parte desta historia. Desde a nossa família, equipe de trabalho, voluntários, artistas, equipe de produção, pessoal da região que nos apoiaram, e principalmente ao publico que esteve presente nestes 4 dias de celebração. Apesar de estarmos ja a alguns anos trabalhando com eventos na linha eletrônica e também estarmos colaborando diretamente na produção de alguns grandes festivais a um tempo também , nada é igual a você idealizara e realizar um sonho. E nós, equipe de produção, estamos satisfeito e muito felizes com o resultado. Trabalhamos duro , por meses , dando tudo de nossos esforços físicos e mentais para que tudo acontecesse na maior harmonia , e aconteceu , graças a Deus. Pedimos desculpas por algum imprevisto que possa ter ocorrido, e agradecemos novamente todo o carinho e respeito pelo Solo Sagrado Festival. **E que a família cresça ainda mais, e se fortaleça daqui em diante.** (Disponível temporariamente na Página Virtual do Evento em: facebook.com – grifos meus)

Figura 5: Festival Solo Sagrado. Pista Principal. Publicada temporariamente na página do evento



“ProgDarkness” - (19/04/15)

Florence Apresenta: PROGDARKNESS.

Pela primeira vez em Brasília 13 horas de Progdark sejam todos bem vindos !!

LINE UP

STONED ALIENS (LIVE)

ALCHEMY CIRCLE (LIVE)

GAZ MASK (CAMPINAS-SP)

SUTEMI (SPECIAL SET PROGDARK)

MAGNORI

VINNEY

RAMON KRISHNA

CRYSTAL DROPS

MADNESS

RAPTURE

GAHARA

DEVIRUCH

Pouco mais de uma semana após o retorno à Brasília, tomei conhecimento de uma festa que aconteceria em Valparaíso, chamada “Progdarkness”. Este nome se refere a uma vertente específica do Psytrance, o ProgDark, uma mistura de Progressive e Dark (fig. 6). Este evento me levou a expandir a compreensão sobre o *trance*. Primeiro, porque os comentários que eu ouvia sobre os estilos musicais começaram a fazer sentido e pude perceber certas preferências e divisões de público e Dj’s baseada nessas vertentes, que se separam em inúmeros estilos, uns bem conservados e outros misturados entre si. Em segundo lugar, porque passei a prestar atenção na produção destes eventos. Discutirei melhor estes fatores no próximo capítulo, relacionando-os com a noção da festa como um “ritual”.

Nessa ocasião, formei um bonde com uma pessoa que conheci no Festival Solo Sagrado, jovem de 18 anos morador de Taguatinga Norte que me reconheceu na página do evento, e um amigo, de mesmo perfil. Lá conheci um Dj e outra pessoa que seria também um importante interlocutor na minha jornada, além de ser produtor de um evento que tempos depois tive a oportunidade de ajudar a realizar. Dessa maneira, fui estabelecendo minha rede de conexões. Este dia também marcou a primeira experiência que considero verdadeiramente psicodélica, quando pude compreender o efeito das caixas de som no corpo, combinado ao efeito de uma droga psicodélica. O relato de minhas impressões encontra-se no próximo capítulo desta dissertação.

Feedback:

Agradecemos a presença de todos, uma boa energia do início ao fim valeu demais a sintonia do progressive dark, pena que tem uns que vão só para avacalhar esse tipo tinha que se tocar e ver que **eles não são bem vindos na cena** e nem em lugar nenhum **são os famosos pebas** enfim o que importa que ainda temos o publico que vai realmente para curtir e tenho certeza que esse publico e maioria e isso que nos incentiva a seguir em frente obrigado mais uma vez a todos que são do nosso movimento, aceitamos criticas também para revermos e fazer melhor cada vez mais em breve vem ai (FLORENCE 3 ANOS) curta nossa pagina e fique por dentro. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com – grifos meus)

No *feedback* deste evento, encontramos uma categoria acusativa que compõe um dos pontos centrais do capítulo 4, os *Pebas*. A presença destes personagens nas festas e no cenário de música eletrônica tem transformado profundamente a cultura Psytrance e se tornado um divisor de águas na medida em que atesta novas significações desta experiência psicodélica global e também novos conflitos. O processo de “perda da essência” ou “perda da *vibe*”, conflito central desta dissertação, se dá por meio de um discurso, por parte de determinados grupos, que muitas vezes responsabiliza e acusa estes outros grupos e personagens por estarem “estragando a cena”. Este conflito indica diferentes personagens do cenário de música eletrônica da cidade cujas apreensões e posicionamentos em relação aos padrões de comportamento nas festas são diversos; e demonstra dinâmicas de legitimação das diferenças sociais entre os grupos.

Figura 6: Festa Progdarkness. Dj e Dançantes. Disponível temporariamente na página do evento.



“Persistrance – 6 anos” - (09/05 e 10/05/15)

Agora sim, com muito prazer botamos em início nossos trabalhos para 2015, com um evento mais especial do que qualquer outro que já aconteceu levando o nome da Persistrance, pra nós essa é a coisa mais prazerosa de se fazer, um Grande evento, para vocês nosso grande Público. Nosso nome não é em vão Persistimos com várias edições fazendo com que as mesmas fossem cada vez mais prazerosas para nosso público, onde conseguimos nos juntar e nos impor como um **grande evento de trance psicodélico de Brasília**. Essa edição é para vocês que sempre acreditaram em nosso trabalho, onde demos duro e conseguimos chegar até aqui. Vamos recompensar com grandes nomes do trance, **Lives e DJ's sets** para ninguém botar defeito, traremos o melhor do **Darkpsy, Progressive Dark, Fullon, Fullon night e Progressive**. Essa sim para todos os gostos! Para persistir não basta só querer, tem que fazer, nesse intuito planejamos nosso melhor, onde quem acreditar vai ver algo jamais visto, além da mensagem da música, levamos seriedade para tratar vocês de forma especial, pois agora nós estamos fazendo 6 anos de carreira, onde vamos juntar tudo de melhor que já oferecemos **para garantir boa vibrações** a todos vocês, e que **a energia do bem** esteja conosco nesta edição. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com – grifos meus)

Line Up

20:00 - Dark O'lattor
 22:00 - Voinch
 23:00 - Mabuy
 01:00 - Baphomet Engine Live
 02:00 - Magma ohm Live
 03:00 - Janczur
 04:00 - Kansac
 05:00 - Marcki
 06:00 - Axial Tilt Live
 07:00 - Raya
 08:00 - Zattera
 09:00 - Via Axis Live
 10:00 - Sutemi vs Ishtar

11:00 - SarFlux
 12:00 - Azys
 13:00 - Giaco
 14:00 - Ramatis
 15:00 - Acura Live
 16:00 – Sayadinhasj

(Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com)

Aproximadamente um mês depois, compareci a esta festa realizada em uma chácara nos arredores da região administrativa do Paranoá, cujo organizador também tive a oportunidade de conhecer. Naquela ocasião, pude perceber que não estava mais estranhando tanto a dinâmica de uma festa. O fato de se chegar num lugar remoto, com um som alto vindo do meio de algumas árvores, não me surpreendeu tanto como das últimas vezes (fig. 7).

Não tive tanto o estranhamento de armar uma barraca em uma festa, muitas vezes próximo à pista de dança, e de estar embebido do som predominante, mesmo quando ia descansar. Não senti tanta dificuldade em permanecer na pista por muito tempo, visto que já tinha consciência da dinâmica de tempo e espaço. Muito menos estranhava as estruturas de bambu que remetem a cabines de naves espaciais, ou algumas estátuas de duendes e ET's espalhadas pela festa. Senti que estava mais próximo da experiência nativa naquela ocasião: conseguia reconhecer pessoas e grupos que estavam em todas as festas que fui, parava em algumas rodas e conversava, fumava e conhecia pessoas, enquanto nas primeiras festas estava a maior parte do tempo sozinho e na posição de observador.

À medida que me acostumava com o corriqueiro de uma festa, passei a estranhar coisas mais profundas, como: relações entre DJ's, público e produção, e deles entre si; as métricas e estruturas das músicas; os momentos da festa em que cada Dj tocava; as preferências musicais; os fluxos de pessoas e movimentos etc. Esses elementos serão analisados como componentes de um ritual, nos sentidos êmico e ético do termo, como veremos adiante.

Feedback:

Grande público nos da produção temos o prazer de dizer que a festa foi linda, agradecemos todas as pessoas que trabalharam as que dançaram. Nos temos o orgulho de dizer que deu tudo certo na organização que foi tudo impecável na estrutura de decoração feita pela equipe Top decor aonde **proporcionou aquele vibe**, a equipe de som 2msound que nunca brinca em serviço sempre fortalecendo e **fazendo as caixas baterem bonito** a cada Dj que saiu de casa mesmo no dia das mães pra fazer a alegria da galera a equipe de gerador que chego cedo fez tudo certo nossa palavra e gratidão pelas mensagens do público sempre tentamos dar nosso melhor pra vocês se sentirem em casa, fazer acontecer apesar de alguns erros

fazemos de tudo pra sempre melhorar e evoluir aceitamos qualquer comentário do público para levamos de ensino e melhorar na próxima agradecemos a vocês e esse ano ainda tem mais coisa esperamos vocês curta nossa página e fiquem ligados. Próximas --- Persistrance e Drops. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com – grifos meus)

Figura 7: Festa Persistrance. Montagem da Tenda Psicodélica. Disponível temporariamente na página do evento.



“Spirit” – (23/05 e 24/05/15)

A humanidade ao longo dos anos, usa o transe na dança como um meio de conexão com o divino. Defini-se o estado de “transe” ou “trance” como aquele no qual a pessoa liberta-se do ego através de movimentos rítmicos com sons para transcender a estados mais elevados de consciência chegando a incríveis sensações, cura xamânicas e/ou contato com o espírito universal, dependendo do qual sua mente está elevada. É nesse espírito que convidamos todos para celebrar a união, a paz, o amor e a boa musica em um local com toda estrutura e respeito que o publico merece. Movimentos rítmicos > Progressive Trance - Full On – Dark. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com)

Observe que esta fala explicita os propósitos espirituais e de expansão da consciência na realização da festa, cuja finalidade é a autorealização pessoal e a formação de uma coletividade pacífica e unida em prol da música e da dança.

Esta *private* foi realizada no mesmo local que a “Persistrance”, porém em diferentes configurações espaciais. Pude observar duas logísticas diferentes num mesmo local, e também duas festas com dinâmicas diferentes, sendo esta menor que a anterior. De um ponto de vista etnográfico esta festa não mostrou muitas “novidades”. Sua estrutura era apenas a tenda do Dj, um bar, banheiros e o espaço da chácara. Foi um evento de pequeno porte sem muitas

repercussões ou acontecimentos extraordinários. Algumas festas depois conheci o produtor deste evento com quem viajei para ajuda-lo no gerador de energia de um festival, que finalizou minha experiência etnográfica.

Ao longo destes eventos, participei de bondes com vários tamanhos e formatos. No começo, apenas desconhecidos; aos poucos fui com pessoas que conhecia e com amigos, de modo a experimentar tanto a sensação de estar sozinho e estranho, como de estar acompanhado e inserido. No primeiro caso as experiências eram extremamente psicológicas já que quase não falava nem ouvia conversas, estando quase sempre dominado pela observação, visão e audição. Nestas ocasiões eu poderia estar sendo interpretado como alguém introspectivo buscando a experiência *trance* ou mesmo como sendo um policial disfarçado. No segundo caso a experiência era de fato mais divertida, pois interagia, circulava pelo espaço da festa e dançava mais, passando “despercebido” como um frequentador.

“Cidadãos do Mainfloor” - (13/06 a 14/06/15)

Ouçã musica eletrônica, especialmente trance, com um grande sorriso no rosto... Um sorriso interior... Sinta a sua paz, feche os olhos e viaje na música, esqueça tudo ao seu redor... Sinta a sua vida, não atrapalhe a dos outros... Aprecie cada momento, cada batida, cada virada, cada acelerada, aumente o volume no máximo, se imagine num tunel sem fim, adimensional, onde o tempo não existe... A única coisa que existe, é a batida da música, a sua batida, a batida do seu coração em harmonia com a música... Esqueça o seu redor, e daí se todos estão olhando para você? mais ibope entao, um dia eles vão perceber que trance não é somente festas grandes, grandes artistas e nomes, grande dancefloor com bastante gente bombando... Um dia vão perceber que surgem grandes amizades de um contato visual na hora em que você está dançando, que simplesmente sintonizaram com você no momento de sua vibração... Se você está triste, ponha a melhor música na sua opinião, aumente o som, libere seu espaço, e simplesmente curta... Uma hora tudo vai mudar... tudo que você achou que seria do jeito que você queria vai mudar, pois nada dura para sempre, nem mesmo aquela música do momento, que fez o fio de cabelo do dedinho do seu pé arrepiar... Aprecie tudo... com ou sem moderação, na sua medida! Trance é vida, é estilo de vida, é paz, é só onda boa e mais nada. Seja um eterno CIDADÃO DO MAIN FLOOR. O GRUPO TEM COMO INTENÇÃO - RESPEITAR O PRÓXIMO E SUAS DIFERENÇAS. - INTERAÇÃO ENTRE NOVOS E VELHOS CIDADÃOS DA CENA. - COMPARTILHAR MUSICAS. - DIVULGAR FESTIVAIS E FESTAS. - DIVULGAR PRODUTOS RELACIONADOS A CENA E-MUSIC. SER UM CIDADÃO DO MAIN FLOOR É MUITO MAIS DO QUE APENAS CURTI UM ESTILO DE MÚSICA PENSE NISSO. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com)

Novamente é importante enfatizarmos o conteúdo destas falas, que nos ajuda a compreender em quais sentidos operam os elementos espirituais, ecológicos e fraternais do movimento Nova Era e do Psytrance. O significado atribuído à música e a dança neste caso se estende a uma maneira de se posicionar perante as relações humanas e o mundo, é um modo de identificação e pertencimento, fundamenta ideologias e práticas, crenças e ritos. Os

sentidos e práticas que compõem a experiência *trance* serão discutidos numa perspectiva antropológica no próximo capítulo, mas já podemos disciplinar nosso olhar para captar nas falas os propósitos de realização das festas.

Este evento foi bem sucedido e teve repercussões extremamente positivas. Foi uma “festa modelo” pela qualidade do sistema de som e dos Dj’s, uma chácara agradável e espaçosa, decoração e logística bem composta e, principalmente, uma boa *vibe*. Seguem algumas fotos (fig. 8/9):

Figura 8: Festa Cidadãos do Mainfloor. Estrutura de som. Publicada temporariamente na página do evento.



Figura 9: Festa Cidadãos do Mainfloor. Pista. Publicada temporariamente na página do evento.



“Freespace” - (20/06 a 21/06)

FREE SPACE 7 Estamos de volta!! Chegou a hora de ajudar quem precisa novamente! Em 6 edições de Free Space Já foram mais de 5.000 Kg de alimentos arrecadados e doados e mais 4 instituições diferentes já foram beneficiadas com os alimentos que foram doados por todos vocês! Todos nós estamos fazendo uma grande diferença para melhor em nossa cidade. Contamos com a presença de todos novamente para mais essa festa em celebração da música, alegria, união e solidariedade. Vamos bater o recorde de arrecadação de donativos dessa vez, vamos mostrar que a nossa cena é forte e unida o bastante para saber se divertir e ainda ajudar o próximo, pensamento coletivo sempre galera! Convidem seus amigos e vamos fazer a diferença mais uma vez !! (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com)

A “Freespace”, com 7 edições, pode ser considerada uma *trance* tradicional de Brasília, pela sua história e sua proximidade com a “essência” das festas. Com a proposta de ser um “espaço livre”, a entrada era apenas um quilo de alimento para doações em instituições de caridade. Foi realizada em uma chácara nos arredores de Brazlândia, com uma estrutura bem simples e rústica, tanto da propriedade quanto da festa. Sua proposta gratuita atraiu em média umas 1.500 pessoas e teve repercussões negativas por causa de determinados acontecimentos. Ocorreram alguns roubos durante a noite, o que tornou a madrugada apreensiva, fazendo com que as pessoas se preocupassem com suas barracas, não podendo curtir a festa, como mostra um trecho do diário de campo:

Quando eu e Bonfim fomos checar as barracas num certo momento, o segurança nos espreitou e avisou que tinham roubado duas barracas, e rasgado elas com canivete. Aí então a notícia se espalhou e muitas galeras ficaram nas barracas por um bom tempo. Provavelmente neste momento os ladrões estavam tranquilos na pista, camuflados pela luz negra, pelos lasers e pela poeira. (trecho do diário de campo)

O *feedback* da Produção na página do evento também demonstra a insatisfação com tais acontecimentos e uma nova abordagem, demonstrando a iniciativa de começar a cobrar ingresso nas próximas edições.

NOTA OFICIAL: Pessoal, primeiramente gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que foram a Free Space 7 e doaram todos esses alimentos, podem ter certeza que eles irão alimentar muita gente que está precisando, e cada vez mais a nossa cidade vai notando a força que a nossa cena tem de transformar a nossa sociedade em um lugar melhor, que somos conscientes e pensamos no próximo, cada edição é um recorde de arrecadação, com certeza na próxima será muito mais, estamos muito orgulhosos com a Free Space, que é um projeto feito com a intenção de engrandecer a cena da música eletrônica, e notamos que estamos conseguindo fazer isso com a ajuda de todos vocês, **a Free Space é de todos nós, que fortalecemos o cenário, porém como todos sabem aconteceram alguns fatos muito desagradáveis durante o evento, pessoas mal intencionadas que não merecem fazer parte do nosso grupo, que não compreendem a proposta, não só da Free Space, mas também da música eletrônica, acabaram prejudicando várias pessoas, o evento e principalmente a cena da música eletrônica, que é a que mais perde com esses mau elementos que estão literalmente estragando o cenário.** Enfim, pedimos desculpas a todos pelos fatos ocorridos e podemos dizer que vamos trabalhar mais na próxima edição para que esse tipo de coisa não volte a acontecer, melhorando a

segurança dentre outras partes da estrutura do evento, quem acompanha a Free Space desde o início, sabe que o evento vem crescendo, tanto na estrutura como no tamanho do público, e está cada vez mais difícil arcar com os custos que o evento tem gerado, e como queremos fazer cada vez uma festa melhor para todos, sentimos a necessidade de começar a pedir uma contribuição mínima em dinheiro para o pagamento de todos os custos nos próximos eventos, para que possamos investir mais e deixar o evento cada vez melhor. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com - grifos meus)

Apesar de não conter categorias acusativas tão claras, neste discurso também vemos uma insatisfação com novos grupos ou personagens que começam a compor o cenário Psytrance em Brasília e a provocar conflitos e separações. Os produtores, em si, não parecem ser competitivos. Pelo contrário, se apoiam e se fortalecem mutuamente pela consciência que têm de estarem compondo um cenário de música eletrônica na cidade. O público, contudo, é extremamente heterogêneo, o que gera inúmeros comportamentos e significados divergentes ou discrepantes, promovendo uma falta de coesão do grupo geral de frequentadores no que diz respeito à valorização da experiência *trance* dentro da cidade.

Entre a “Cidadãos do Mainfloor” e a “Freespace” houve uma discrepância extrema, que aponta para o conflito de classes típico das grandes cidades. A primeira obteve êxito, investimento alto e foi bem vista; a segunda, apesar de tradicional, foi popular e mal vista, ocorreram roubos e muita sujeira, mas ao mesmo tempo conservou a tão aclamada essência de coletividade horizontal da *trance*.

“Insight” - (02/07 a 07/07/15)

Um encontro entre todas as formas de vidas, um resgate à Essência e à Ancestralidade. **Nossa celebração tem como objetivo principal a comunhão das forças vitais e o respeito às ordens naturais.** A união desse encontro é nossa própria Natureza e a maneira como lidamos com ela. O Insight é definido como a capacidade de entender verdades escondidas, um sentido igual a compreensão para discernir fatos de uma situação, o ato ou o resultado de alcançar a íntima e oculta verdade das coisas ou de perceber de uma maneira intuitiva. **Esse Festival tem como intenção esse despertar da consciência e uma sensibilização com os sentidos da Natureza.** Para que assim, possamos retornar à nossa condição de animal contemplativo do ambiente e nos tornemos protetores de nós mesmos, da Vida e da Terra. Chapada dos Veadeiros - Colinas do Sul (GO) Brasil. (Disponível temporariamente na página virtual do evento em: facebook.com – grifos meus)

Este festival foi o mais bem sucedido de todos os eventos abordados nesta etnografia, tanto pelas minhas impressões pessoais quanto a de meus interlocutores e do público de *trance* em Brasília. Fui apenas com um amigo e experimentamos a chamada “essência” do Psytrance: a combinação do contato com a natureza exuberante e exótica a sistemas de som potentes e de qualidade, o uso de substâncias psicoativas poderosas, sociabilidades comunitárias com esporte, lazer e gastronomia, e música psicodélica.

Este evento (fig. 10/11) esteve muito próximo ao tipo ideal de “essência” do Psytrance, unindo o “tripé cosmopolita” da fraternidade, ecologia e espiritualidade (SANTOS, 2013), discutido no primeiro capítulo. Em contraste, estão as outras festas *Privates* apresentadas nesta seção, que se mostraram mais simples e sucintas.

Figura 10: Festival Insight. Pista Principal. Publicada temporariamente na página do evento.



Figura 11: Festival Insight. Local da festa. Disponível temporariamente na página do evento.



“Arraiá Psicodélico” – (11/07 a 12/07/05)

O “Arraiá Psicodélico” foi uma festa beneficente, com um preço acessível. Foi realizada no mesmo local da Freespace, numa abrangência de público parecida, em torno de 1000 (mil) pessoas. Era a terceira edição deste evento, que participei do começo ao fim (fig. 12).

Um dia após o retorno do Insight fui trabalhar na montagem e organização do “Arraiá Psicodélico”, participando de todas as etapas do processo, desde cavar buracos para montar as tendas, até armar as decorações, arrumar o bar e as bebidas, ajudar na montagem do som, jogar feno na pista empoeirada, organizar a cozinha, trabalhar no bar da festa, trabalhar no caixa, repor o bar, etc. (trecho do diário de campo)

Ali pude ver todos os passos na produção de uma festa, desde o capital inicial até a contratação de todos os serviços e voluntários necessários para a montagem, assim como a manutenção do bar, a portaria e a organização durante o evento. A tenda e o sistema de som foram alugados pela equipe do Festival do Kranti. Outros serviços e equipamentos contratados foram os banheiros químicos e as tendas, mesas e cadeiras para o bar, a equipe de segurança, um fornecedor de feno para jogar na pista (tanto por ser um “arraiá” como para conter a poeira), e a comida para o pessoal da organização, fornecida pelo dono da chácara. Durante a festa foi preciso repor o bar com bebidas e gelo compradas em mercado próximo, limpar e trocar os sacos de lixo e outros pequenos serviços.

Lá conheci organizadores de algumas festas, organizadores de bondes coletivos da Ceilândia, que alugavam ônibus e vans para as festas e festivais, e o dono do gerador que forneceu energia para quase todos os outros eventos que participei, sendo ele próprio realizador da Spirit. Este contato, ao saber de minha pesquisa, me convidou para trabalhar com ele no gerador de energia do tradicional Festival Alternativo do Kranti, um dos primeiros do Brasil e o consolidador do movimento *trance* no centro-oeste, que marcou o fim do trabalho de campo.

Figura 12: Arraiá Psicodélico. Pista de dança. Publicada temporariamente na página do evento.



“FAK – Festival Alternativo do Kranti” – (17/07 a 20/07/15)

Este festival sempre ocorreu na Chapada dos Veadeiros, contudo neste ano ele foi realocado para Unaí, onde passei quatro dias trabalhando e aproveitando a festa, assim como aprimorando meus conhecimentos sobre tudo, já que um festival de médio porte com tanta história tinha personagens “épicos” que felizmente pude conhecer. (trecho do diário de campo)

Este festival demonstrou muito bem o público frequentador das *trances*, extremamente heterogêneo nos estilos estéticos e preferências musicais, de várias faixas etárias e procedências sociais, se misturando e camuflando no mosaico de tendências culturais e estéticas típico das grandes cidades. Foi uma festa que contou com muitas pessoas mais velhas (acima da faixa padrão - até 30 anos), crianças, estrangeiros, *mauricinhos e patricinhas, playboys, hippies*, universitários, funcionários da fazenda e algumas pessoas da região.. Naqueles dias conheci pessoas nascidas em Trancoso – BA (um dos berços do Psytrance e do movimento *hippie* no Brasil). Chamados por alguns de neo-hippies, vivem viajando de festival em festival ajudando em diversos setores da construção da festa e sendo personagens inspiradores na celebração, (fig. 13/14/15).

Esta experiência foi mais lúdica e relaxada que todas as outras, de modo que me permiti aproveitar a festa, agora que já entendia a música, compreendia algumas drogas e já havia aprendido alguns passos de dança, assim como conhecia uma quantidade de pessoas que me permitia permanecer e transitar entre grupos e rodas de conversa.

Apesar disso, passei madrugadas sozinho, ainda estranhando aquela prática, que muitas vezes se confundia com uma missão séria, um ritual, um “algo a ser feito”, um transe introspectivo e ativo que relativiza a vida, promove reflexões, transformações físicas, psicológicas e culturais.

Figura 13: Festival do Kranti. Cabine do Dj com decoração psicodélica. Publicada temporariamente na página do evento.



Figura 14: Festival do Kranti. Pista Principal. Publicada temporariamente na página do evento.



Figura 15: Festival do Kranti. Decoração noturna psicodélica. Publicada temporariamente na página do evento.



Neste último evento, comecei aos poucos a compreender o porquê de se considerar que os festivais de Psytrance são um “ritual pós-moderno”, que une o tradicional ao moderno, o rural ao urbano, o natural ao tecnológico/eletrônico, o orgânico ao sintético, o sagrado ao profano. Trata-se de uma prática complexa que quebra o cotidiano e “mobiliza recursos, envolve pessoas, modifica comportamentos, inventa ritos e propõe novas modalidades do uso do tempo livre” (MAGNANI, 1999).

Neste sentido, direciono a argumentação para a análise deste aspecto tanto discursivo como estrutural da experiência Psytrance no mundo e em Brasília, que a significa como um “ritual alternativo”. Tendo estabelecido a estrutura e as dinâmicas básicas das festas vivenciadas em campo, busco agora analisá-las a partir do discurso que as situa no plano ritualístico.

Capítulo 3

O DISCURSO NEO-TRIBAL

Observando postagens divulgadas nos sites e nas páginas dos eventos, evidenciamos elementos correspondentes aos que eu havia indicado na caracterização do movimento Nova Era, como ecologia, espiritualidade e fraternidade. Destaco aqui uma sequência de narrativas:

“Um encontro entre todas as formas de vidas, um resgate à Essência e à Ancestralidade” (Página Virtual do Festival Insight).

“E que a família cresça ainda mais, e se fortaleça daqui em diante” (Página Virtual do Festival Solo Sagrado)

“Contamos com a presença de todos novamente para mais essa festa em celebração da música, alegria, união e solidariedade” (Página virtual da Freespace).

“Trance é vida, é estilo de vida, é paz, é só onda boa e mais nada” (Página Virtual da Cidadãos do Mainfloor).

“A humanidade ao longo dos anos, usa o transe na dança como um meio de conexão com o divino. Defini-se o estado de “transe” ou “trance” como aquele no qual a pessoa liberta-se do ego através de movimentos rítmicos com sons para transcender a estados mais elevados de consciência chegando a incríveis sensações, cura xamânicas e/ou contato com o espírito universal, dependendo do qual sua mente está elevada” (Página Virtual da Spirit).

“No intuito de celebrar junto à natureza, a arte e a cultura, respeitando todo o espaço no qual habitaremos durante a semana santa, é que escolhemos o nome de Solo Sagrado para nosso festival” (Página Virtual do Festival).

“E é esse o papel de cada raver, uma missão espiritual, a necessidade de se trilhar essa jornada, que carregamos subjetivamente em nossa alma... Na pista, na dança, na harmonia com o som, o raver, mesmo às vezes sem saber, invoca o espírito de Shiva Nataraja, e ali, tomado pela divindade, ele abre as portas de sua percepção, entregando-se de corpo e alma para o grande objetivo da festa, ao qual chegamos pelo meio da dança, da música e de todos os estímulos audiovisuais da rave: a transcendência!” (Disponível em: <ictrance.blogspot>)

Juntamente com esses trechos associamos também uma máxima muito corrente no mundo da música eletrônica, denominada P.L.U.R. Refere-se à Paz (Peace), Amor (Love), União (Union) e Respeito (Respect), o que fundamenta valores universais que direcionam a conduta dessas pessoas nos ambientes virtuais e nas festas.

O P.L.U.R é uma sigla para uma espécie de filosofia de vida, que as pessoas tem a opção de seguir. Nessa filosofia de vida, seria preciso saber cultivar a paz individual e coletiva, cultivar sentimentos de carinho e amor para com o próximo, incitar a união entre todos e respeitar coisas, meio ambiente e outras pessoas, independente de credo, raça, religião, gostos e opiniões, etc. Tudo muito bonito, mas não resta apenas saber o significado da sigla, e sim é preciso saber, entender e tentar colocar esta filosofia em prática. (Disponível em: <ictrance.blogspot>))

Concluimos a partir daí que dentro desses discursos há um propósito de celebração que busca agregar essas três características essenciais da Nova Era segundo a perspectiva de

Santos (2013), de modo a construir um modelo que extrapole a lógica superficial de uma festa urbana e construa um propósito entendido por eles como “ritualístico”.

Em *Música Eletrônica e Xamanismo: técnicas contemporâneas de êxtase*, o antropólogo Pedro Peixoto Ferreira (2006) analisa as relações entre a música eletrônica de pista e as experiências coletivas de transe baseando-se em discursos nativos e nas relações entre Tecnologia e Xamanismo. Neste trabalho, o autor trata da música eletrônica de pista de um modo geral, sem se ater aos estilos e vertentes específicas. Contudo, ele classifica algumas “narrativas já consolidadas sobre o tema da música eletrônica de pista – o que ela é, qual é a sua origem, qual é a sua função, etc” (FERREIRA, 2006).¹²

Dentro das quatro narrativas estabelecidas pelo autor – erudita, tecnológica, cultural e primitivista –, é possível identificar qual delas se refere ao Psytrance como cultura de música eletrônica: a *Primitivista*. Essa narrativa consegue classificar de maneira precisa o tipo de discurso encontrado na presente pesquisa, tanto por parte dos interlocutores como pela história de origem, discutida no primeiro capítulo. Na análise de Ferreira, esta narrativa é a mais próxima da relação entre música eletrônica e xamanismo e está ligada ao “estilo Trance em suas vertentes mais psicodélicas” (FERREIRA, 2006). De acordo com o autor:

A narrativa primitivista poderia ser tipificada como aquela que parte de uma imagem arquetípica de rituais tribais de povos indígenas, passa pela dessacralização desses rituais durante o processo civilizatório promovido pelas civilizações europeias e chega até a ressacralização promovida pelas raves. (FERREIRA, 2006: 22)

Se analisarmos a proposta de Goa Gil em redefinir os antigos rituais tribais no século XXI, podemos facilmente relacioná-la a esta abstração analítica desenvolvida pelo autor acima. O discurso que tratamos neste trabalho revela uma tentativa de resgate dos “antigos” modos culturais e religiosos de ser e estar no mundo. Este discurso idealiza as festas como “celebrações igualitárias e ritualísticas neo-primitivas” (FERREIRA, 2006), evocando frequentemente seus “momentos” como partes de um ritual indígena, marcado pelas sonoridades percussivas e a dança coletiva, a utilização de substâncias alucinógenas e estimulantes, e finalmente a produção coletiva de estados alterados de consciência.

É crucial diferenciar aqui duas dimensões do que chamo de ritual. Tenho utilizado do conceito de ritual tal qual desenvolvido pela antropologia, isto é, como uma perspectiva na

¹² “(...) a opção por uma ou outra dessas narrativas não apenas depende das predisposições de cada pesquisador como também acaba orientando o seu recorte do tema e a maneira como ele é desenvolvido” (FERREIRA, 2006).

análise do social. As *trances* têm sido examinadas aqui enquanto um ritual, dentre tantos outros; são eventos que se destacam da vida cotidiana, apresentam uma estrutura particular e visam uma eficácia simbólica – no caso aqui abordado, a criação de uma “*vibe* positiva”. Essa noção “ética” de ritual contrasta com a sua versão “êmica”. Como indicado acima, para meus interlocutores o Psytrance tem uma dimensão “ritualística” precisamente por estar relacionado a práticas indígenas e orientais relacionadas à espiritualidade. Esta última é, portanto, a noção nativa de “ritual”.

Segundo minha análise, desde a criação dos Festivais de Lua Cheia em Goa até a realização de pequenas *Privates* nos arredores de Brasília, há intenções de se construir vivências e atmosferas específicas de modo que a festa se apresente como um “ritual”, ou seja, com propósitos espirituais de autoconhecimento, transcendência, harmonia e união com o todo. A partir dessa noção, vou apresentar alguns fatores concretos que possam fundamentar a associação da *trance* a um “ritual”, de acordo com funções e significados que eles carregam. Destacarei o papel do Dj, as subvertentes do Psytrance, os horários tocados (madrugada, nascer do sol, por do sol) e o Line Up, os efeitos das drogas, a dança e o som e a produção de estados coletivos de êxtase como fatores que estruturam uma determinada ritualística na dinâmica das festas.

Em seguida darei atenção aos elementos que constituem, segundo minha visão, o “transe psicodélico” (*Psychedelic Trance*), e desse modo discutiremos o conceito central denominado *vibe*, o qual seria a energia, o propósito e a personalidade da festa, o ápice da experiência coletiva.¹³

3.1 – Elementos Rituais

Segundo o discurso corrente, o Dj seria um intermediador das relações entre o mundo material e o espiritual. Como um xamã, ele teria o papel de guia por deter os utensílios e artefatos necessários para evocar as entidades e energias desejadas. Por meio da tecnologia e

¹³ Dentro da argumentação aqui desenvolvida, essa definição dos elementos cruciais para a obtenção do transe psicodélico num contexto ritualístico serve para contrastar com determinados *status* e comportamentos comuns ocorridos nas festas etnografadas, de modo a perceber uma discrepância entre os estados coletivos desejados e os verdadeiramente experimentados.

da técnica, este personagem tem o poder de escolher o ritmo da dança, a temporalidade da celebração, os altos e baixos, as pausas e as continuidades (fig. 16).

Figura 16: Festa Cidadãos do Mainfloor. Dj animando o público. Publicada temporariamente na página do evento.

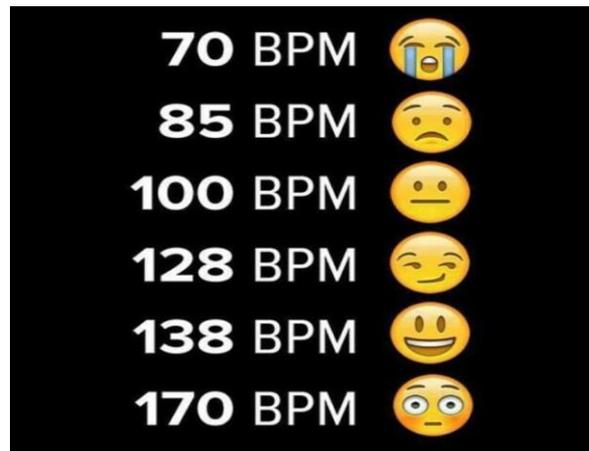


Existem dois tipos de apresentação: o Dj set e o Live set. O primeiro é a mistura (mixagem) previamente organizada das músicas, é uma seleção harmônica de músicas já organizadas para a performance. O segundo é a seleção construída na hora, de acordo com a energia da festa e das pessoas, que de certo modo também compõe junto com o Dj, respondendo a seus estímulos e experimentos musicais. Cada vertente musical e cada estilo tem seu momento durante a festa. As principais vertentes do Psytrance são o Progressive Trance, o Full On, o Dark, o Forest, o High-Tech, além de variações internas em cada uma e da mistura de estilos, criando, por exemplo, o Full On Night, o ProgDark etc.

Um dos fatores técnicos que diferencia os estilos, entre tantos outros, é a velocidade dos BPM's (*beats per minute* / batidas por minuto) (fig. 17). A velocidade da música, dentro do discurso nativo, é um fator crucial para designar e identificar o Psytrance em relação a outros estilos e entre suas próprias vertentes. Quanto mais rápido o som, mais peculiar é a dança que busca acompanhá-lo.¹⁴

¹⁴ Há no mundo da música eletrônica certas distinções entre músicas de *Low Bpm* e músicas de *High Bpm*. De um modo geral, o Psytrance se enquadra nas músicas de velocidade alta, característica que atesta a excentricidade do som. Quanto mais acelerado, mais peculiar e excêntrico.

Figura 17: Velocidade da música e estado de espírito. Disponível na Internet, fonte desconhecida.



Todas essas vertentes se completam, cada uma com seu momento dentro do **ritual**. A **celebração psicodélica** precisa tanto dos momentos de euforia e dança que o Full On proporciona no auge da festa, assim como do som barulhento e sinistro do Dark, além dos insights meditativos do Progressive após a energia ser trabalhada. (Disponível em: <ictrance.blogspot.com.br>; grifos meus)

Grosso modo, além da velocidade os estilos se diferenciam também a partir da quantidade e qualidade das camadas de efeitos melódicos, da natureza desses efeitos (chiados, orgânicos, curtos, longos), do tipo das linhas de grave e de base, das viradas e continuidades. Estes fatores compõe a preferência do público, que pode preferir estilos dançantes e melódicos, outros mais reflexivos e psicológicos, alguns obscuros e misteriosos, outros brincantes e alegres.

Cada estilo apresenta diferentes continuidades e pausas. As viradas da música dão os embalos necessários para a continuidade da dança, assim também o fazem as pausas. O Dj, como construtor da música, tem esse poder de determinar a dinâmica da dança e da festa como um todo. Junto com esta dinâmica, o Line Up faz toda a diferença. Cada Dj vai tocar em um horário da festa, cumprindo uma função distinta. O começo é uma recepção, tanto do público quanto de outros Dj's. Em seguida o campo vai se preparando e aumentando até as atrações principais, que são os Dj's mais conceituados. A aceleração ou diminuição da velocidade da música depende do Line Up e do horário que o Dj está tocando, e deve estar de acordo com a dinâmica mais abrangente de toda a festa, deve dialogar com os outros estilos e Dj's que tocaram ou tocarão durante o evento.

Por exemplo, no início (22h00), pode ser tocado um estilo não muito acelerado, mas animado e noturno, como o Full On Night. Durante a madrugada prevalecem sons mais acelerados como o Dark e Forest. No amanhecer do dia a velocidade vai diminuindo aos

poucos para não desanimar as pessoas tocando um Full On Morning. Lá para o meio-dia, o som estabiliza no estilo Progressive e assim predominam vertentes mais dançantes e diurnas. Esta progressão, porém, não é uma regra, já que cada evento tem um Line Up diferente. Há festas onde se toca apenas sons noturnos, ou apenas sons diurnos, há outras que mantêm um mesmo estilo todo o tempo, etc. O que há em comum, contudo, é a função do Line Up de determinar a dinâmica da festa, alocando os Dj's e as vertentes em horários e situações específicas, para manter a festa agitada.

Os momentos rituais, portanto, se baseiam nas características musicais que cada vertente apresenta e na combinação destas vertentes ao longo da continuidade da festa. Os sons se diferenciam basicamente entre “noturnos” e “diurnos”, alguns mais “industriais” e outros mais “orgânicos”. Os sons noturnos são mais agressivos e acelerados, com maior quantidade de efeitos, os quais soam mais curtos e muitas vezes propositalmente desconexos com viradas rápidas e imitando sons de fábrica, sirenes, animais noturnos, risadas macabras etc. Os sons diurnos em geral são mais “limpos” e menos acelerados. Os efeitos e as falas são mais naturais e orgânicos, apresentando mantras indianos, instrumentos musicais, vocais agradáveis, trechos de entrevistas sobre substâncias e a consciência, viradas mais simétricas e marcadas.

A continuidade e o sucesso do ritual dependem do quão bem alocados estes estilos foram, de modo a agitar ou a acalmar, unir ou confundir o público, criando uma espécie de processo/atmosfera existencial que passa por etapas de rejeição, destruição e obscuridade durante a noite, de transformação ao amanhecer e de esclarecimento durante o dia.

E temos, é claro, em sintonia com o ritmo da musica, a dança, dança de cada um, rito de libertação que experimentamos individualmente. E a dança conjunta, o espetáculo visto holisticamente, a soma da dança de cada um, resultando num espetáculo de celebração e magia que tem o poder de **destruir**; destruir a tristeza e a amargura da vida, assim como a dança de **shiva** destrói a ignorância, com o poder de **renovar**; renovar nossas esperanças, **recarregar nossas energias**, dando-nos cada vez mais força para continuar, e claro, com o poder de criar; pois a partir dessa comunhão entre o raver e **a energia invocada que ali foi estabelecida**, cria-se a possibilidade de imaginarmos qualquer coisa, tendo-a como algo real, tocável, uma porta aberta para nosso mundo interior. (Disponível em: <ictrance.blospot> - grifos meus)

Na decoração durante a noite predominam os raios lasers, luzes negras, grafites com cores frias fluorescentes, apresentações pirofágicas, esculturas de extraterrestres, bruxos fluorescentes. O cenário durante o dia conta com os elementos naturais do local da festa,

panos coloridos, cores claras e quentes, duendes, fadas e divindades hinduístas, como por exemplo, Shiva, Deus do yoga e da destruição.

O uso de drogas perpassa todo este processo, exaltando o “jogo de sentidos” produzido pelo conjunto de estímulos. Existem as drogas estimulantes do Sistema Nervoso Central, como é o caso das anfetaminas, tabaco e cocaína, as quais promovem um estado físico agitado, acelerando o pensamento e a vigília; e as drogas perturbadoras do SNC, como a maconha e o haxixe, a mescalina, o LSD, o DMT e o MDMA (*Ecstasy*), que são alucinógenas, promovendo ilusões auditivas, táteis e visuais. Ao longo do tempo de uso, uma pessoa vai construindo um conjunto de saberes relacionado às substâncias e o que cada uma provoca em cada momento específico da festa, de acordo com o gênero musical tocado naquele momento. Esses saberes constituem um roteiro que guia e esclarece o indivíduo sobre o que ele estaria sentindo durante as fases do ritual.

Os Dj's, por exemplo, podem produzir uma música e colocar efeitos e trechos baseados em propriedades específicas de uma substância e assim tentar promover um estado também específico. Existe a exploração e a compreensão de elementos subconscientes que a música e a droga criam, permitindo ao usuário a compreensão dos efeitos em si mesmo, evitando experimentar uma *Bad Trip*.¹⁵

Há uma linha tênue entre realidade e ilusão, entre material e não material, onde indivíduos mais experientes e outros iniciantes criam laços baseados no propósito do ritual e no nível de compreensão que se tem sobre ele. Idealmente falando, por todos estarem lidando com a mistura de sentidos estimulantes e com droga, sabendo da possibilidade de surtos ou reações indesejadas, o uso ocorre de forma mais consciente e menos moralista. Se aceita a loucura, se interage com a loucura e se brinca com ela.

Em campo, na minha primeira experiência psicodélica associada ao uso de uma substância psicoativa pude contemplar a combinação de elementos que, segundo minha compreensão, promovem a experiência *trance*. Passei por uma espécie de iniciação ou batizado ao ser apresentado com uma “gota” de LSD. Vislumbrei como um iniciante seus efeitos associados ao som. Esta experiência englobou sensações corporais, percepções e distorções cognitivas, visuais, aromáticas, táteis e auditivas, uma experimentação sinestésica. Durante horas a fio submetido ao paredão de caixas de som que literalmente empurra os

¹⁵ Uma “viagem ruim” quando se está sob o efeito do LSD ou outra droga, mas que se estende a qualquer situação, sentimento ou pensamento ruim que leva a pessoa a um estado de espírito negativo.

corpos físicos com a potência das vibrações sonoras, muitas reações pareceram se desenrolar, sempre relacionadas à combinação do efeito da droga com o som e a dança.

A sensação que tive é de uma missão a ser cumprida. Ouvindo constantemente gritos como “bora bora” e assovios repetitivos me remeteu uma ideia de continuidade, de “algo a ser feito que não pode parar”, que precisa manter a mesma energia e força vital, que é a disciplina meditativa da dança.(trecho do diário de campo)

Este “algo a ser feito” é a arte e sabedoria de experimentar estados alterados de consciência enquanto se dança incessantemente. Este estado é tanto individual/subjetivo como coletivo, já que se oferecem e trocam substâncias e se compartilham os efeitos e suas diferentes etapas. A continuidade do ritual depende da disposição de cada um em manter a mesma energia vibracional na pista.

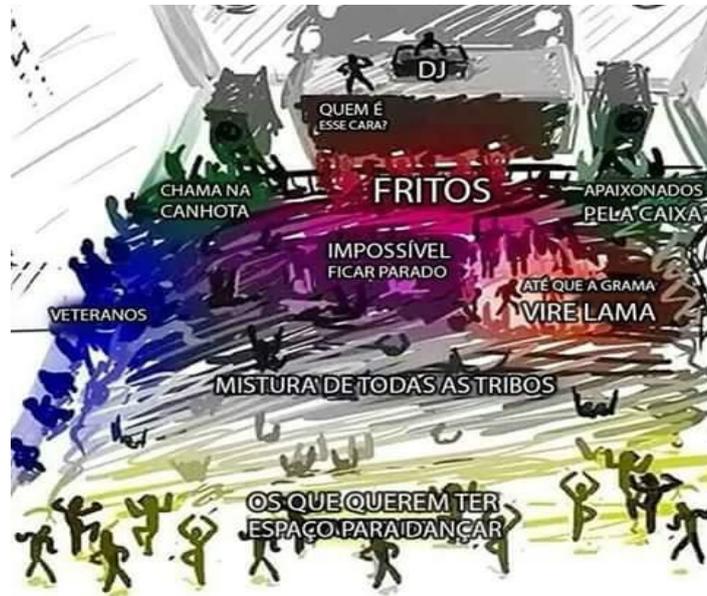
Foi então que tive a experiência de “fritar”, que significa estar completamente dominado pelo efeito da substância e dos outros estímulos da festa. Os chamados “fritos” normalmente são aqueles que buscam maior proximidade possível com as caixas a fim de se submeter completamente à experiência, sem pensamentos nem compromissos com a realidade, chegando a sentar ou deitar na frente da caixa. Esta é uma categoria acusativa nativa que designa um indivíduo entregue ao efeito combinado da droga com a música. Muitas vezes é objeto de chacotas e gozações, de vídeos ou comentários negativos. Outras vezes passa despercebido pela energia coletiva onde todos estariam fritos.

Interiormente, nesta experiência, pude analisar a dinâmica de dança e de ocupar o espaço com o corpo, deixando alguns espaços da pista vazios e preenchendo outros, fluindo em frente às caixas de som de acordo com a fluidez de outros corpos, numa percepção mútua de cada um que contribuía para a realização da dança coletiva. Enquanto o som forte empurrava as pessoas para trás, elas se configuravam e reconfiguravam constantemente empurrando o som de volta, gerando uma vibração extrema naquela região da pista. Não há como ignorar aquela força. Ou se dança ou se deixa aquele espaço para quem quer dançar. Além disso, há o fato de “se pôr para jogo”, de se expressar corporalmente onde a atenção de todos está voltada, de ver e ser visto, de “se mostrar”, ou de conservar uma posição em certo ponto e ali permanecer, introspectivo, buscando a experiência *trance*.

Como experimentei, o posicionamento na pista de dança tem grande importância na dinâmica da festa, cada local e ângulo são escolhidos, preferidos, e recebem significados peculiares. A chamada “linha de frente” é a mais excêntrica, visto que estar em frente a um paredão de som impede um sujeito de conversar e agir “normalmente”. Apesar dessas

classificações não serem um consenso nem entre meus interlocutores nem entre os frequentadores de *trance* em geral, a seguinte figura demonstra como a pista de dança contém áreas e posições que podem receber diferentes significados (fig. 18).

Figura 18: Possíveis áreas e territórios na pista de dança. Disponível na Internet, fonte desconhecida.



Assim, o Dj (como o guia que contém os artefatos necessários para a manipulação do som), o público (com a dança e as performances), a decoração psicodélica e as drogas, portanto, constroem um ambiente “fora do comum”, que contrasta com os ambientes convencionais da sociedade, criando um caráter ritual próprio, em contraposição com a vida cotidiana.

Estes fatores parecem construir uma dimensão não apenas corporal na festa, mas também mística e psicológica, unindo, como já dito, elementos de diversas culturas (celta, ameríndia, indiana, chinesa, urbano-cosmopolita) e gerando um universo lúdico de festejo e alegria e ao mesmo tempo de seriedade e busca espiritual interior. Ou seja, a *trance* apresenta-se não apenas como um ritual no sentido antropológico, mas um “ritual” dentro da terminologia nativa: há um propósito, funções, papéis e dinâmicas específicas que se direcionam em torno de uma ideia de união e comunhão do ego com seu eu interior, com as outras pessoas e com a natureza. O propósito seria a união de um com todos e com o universo, a função seria o autoconhecimento e a transcendência espiritual num transe coletivo. Não pretendo, é claro, investigar a fidelidade deste discurso e muito menos compará-lo às produções antropológicas sobre o xamanismo ou rituais religiosos dos mais diversos, mas sim

associar esta narrativa “primitivista” (FERREIRA, 2006) ao universo simbólico construído pelo Psytrance.

Dentro desta discussão, destaco duas categorias que podem nos oferecer uma ideia do propósito deste tipo de celebração, associando-as à narrativa “primitivista”. Primeiramente, temos os elementos que fundamentam e constituem o *transe psicodélico*; e, em segundo lugar, a *vibe*, o estado coletivo desejado.

3.2 - Transe Psicodélico

Caracterizo, enfim, a experiência *trance* como a união dos seguintes elementos: a meditação ativa pela dança, o consumo de substâncias psicoativas e a exploração da *psiqué*, o contato com a natureza e o discurso ecológico, a busca espiritual e o som produzido eletronicamente. É importante ressaltar, contudo, que estes elementos experimentados de maneira desconexa não alcançam a proposta essencial dos festivais, e para se chegar ao estado coletivo desejado é necessário que os mesmos atuem conjuntamente. Por isso, só a combinação destes fatores por meio de um esforço social possibilitaria a experiência individual e coletiva do *Psychedelic Trance* ou transe psicodélico.¹⁶

Desta maneira, construo a ideia do Psytrance como busca por novas maneiras de ser por meio da obtenção do estado de transe coletivo ao longo de uma celebração musical. O desejo de “viver o agora”, o momento presente, é um fator fundamental desta nova espiritualidade e os estados alterados de consciência seriam a chave ideal para se atingir este estágio.

“Transe”, no sentido literal, pode ser entendido como:

Estado de alteração acentuada da consciência, da percepção e de outras faculdades mentais, ger. acompanhado de mudança de comportamento (...) que pode ser causado ou induzido por diversos meios ou fatores, como drogas, traumas, estímulos psicológicos ou sensoriais, (...) no qual supostamente [o indivíduo] entra em contato com forças ou entidades a ele exteriores, e que pode ou não ser atribuído à ação destas. (Disponível em: <dicionariodoaurélio.com>).

O transe pode ser alcançado voluntariamente (ou não) a partir de variados fatores como, por exemplo, a hipnose, o uso de substâncias químico-farmacêuticas, rituais religiosos,

¹⁶ Cabe ressaltar que esta afirmação é uma abstração do pesquisador, visto que é muito comum no mundo *rave* ouvir pessoas que não consideram o uso de drogas nem o contato com a natureza como elementos essenciais para se atingir o transe. Essa caracterização, portanto, é teórica, que busca construir um tipo “ideal de transe psicodélico”.

técnicas corporais de respiração e a experiência musical; todos intimamente relacionados com o fenômeno Psytrance. Partilho aqui da ideia desenvolvida por Roger Bastide (1983) acerca do transe místico que, em contraposição à definição médica (tese patológica), destaca seu caráter sociológico, uma vez que o fenômeno é determinado pelo social, isto é, é um rito dentro de uma sequência cerimonial construída e controlada socialmente.

Esta alteração da consciência, portanto, não é apenas psicológica, mas predominantemente determinada pelo contexto ritualístico do qual faz parte, é um fenômeno coletivo, um fato social. Neste sentido, o transe psicodélico seria promovido coletivamente pela combinação eficaz dos elementos rituais que vimos ao longo deste capítulo. O “esforço” conjunto de todas as partes que compõe a festa induz e possibilita a obtenção deste estado pelo participante.

“Psicodélico”, por sua vez, se definiria como:

Relativo a, ou que se caracteriza por alucinações visuais, aumento de percepção e, eventualmente, comportamento parecido com o observado em psicoses. 2. Diz-se de droga que provoque manifestações psicodélicas. 3. Diz-se de decoração, roupas, objetos, etc., de cores muito vivas, e totalmente fora dos padrões costumeiros. 4. Diz-se daquilo ou daquele que se distingue do meio tradicional, ou pela decoração, ou pela atitude, ou pela maquiagem, ou pela roupa, etc. (Disponível em: <dicionáriodoaurélio.com>).¹⁷

Este conceito é evocado e vivido pelos frequentadores das *trances* na decoração e luzes das festas, nas músicas, nas roupas coloridas, pinturas, maquiagens e fantasias, nos efeitos das drogas, enfim, no conjunto de estímulos que todos estes aspectos criam, construindo um ambiente propício para experiências psicodélicas (fig. 19).¹⁸

¹⁷ Não pretendo desenvolver profundamente uma argumentação sobre estados de transe de um ponto de vista antropológico (limitando-me à breve menção ao trabalho de Roger Bastide), assim como discutir o significado de “psicodélico” a partir da Psicologia ou Neurociência. De modo que as definições literais do *Dicionário Aurélio* parecem apropriadas dentro do direcionamento que tomamos no texto.

¹⁸ Também interpretada como “a manifestação da psiqué”, a experiência psicodélica se consolidaria quando traços da mente inconsciente, ora desconhecidos, são revelados. As limitações da mente racional são ultrapassadas e a consciência estaria “apta” a explorar suas partes obscuras. O som eletrônico por si só seria capaz de promover esta experiência.

Figura 19: Festival Insight. “Camping e Psicodelia”. Publicada temporariamente na página do evento.



Segundo a crença corrente entre meus interlocutores, o estado de transe psicodélico faria com que o indivíduo e/ou o grupo se tornasse um canal do fluxo de energia do cosmos, ou das divindades correspondentes às suas crenças, buscando transcender o mundo material por meio da meditação ativa. A dança seria a maneira de “quebrar o ego”, de derrubar máscaras criadas pelas construções sociais, de modo que, num âmbito coletivo, todos os que dançam se transformam numa unidade, emanam uma mesma vibração física e mental, não mais se diferenciando por suas personalidades individuais.¹⁹

A meditação ativa associada ao uso de uma substância psicodélica seria capaz de gerar no indivíduo uma “viagem” psico-biológica interior de auto-descoberta que, ao invés de inicialmente construir a identidade individual em relação à coletividade, faria o processo contrário, desconstruindo os elementos da personalidade até que o mesmo alcançasse um estado de união com tudo, livre de quaisquer características que o separassem da coletividade humana, uma espécie de “Despersonalização na Desindividualização” (HUXLEY, 1954).

De acordo com essa noção, ao experienciar o transe psicodélico, o “eu” e o “eles” já não mais existe. A noção de alteridade se funde à construção da identidade de modo que o outro passa a ser eu e o eu o outro, transformando todos em apenas Um. A partir da convergência dessas experiências individuais cresce o sentimento de união e gera-se um

¹⁹ Vide postagem na página da festa Spirit: “Define-se o estado de ‘transe’ ou ‘trance’ como aquele no qual a pessoa liberta-se do ego através de movimentos rítmicos com sons para transcender a estados mais elevados de consciência chegando a incríveis sensações, cura xamânicas e/ou contato com o espírito universal, dependendo do qual sua mente está elevada”.

estado de êxtase coletivo.²⁰ Para se chegar ao êxtase coletivo é necessário um “esforço” conjunto do DJ, do público, da tecnologia e das substâncias utilizadas, onde cada um tem papel determinante na manutenção da experiência. Como já indicado, trata-se de um fenômeno social. A combinação dessas “instâncias” caracteriza a natureza da efervescência coletiva, do ápice da experiência grupal, a chamada *vibe*.

3.3 - Vibe

O termo *vibe* provém da palavra vibração (em inglês, *vibration*) e pode ser encontrado no universo amplo de subculturas juvenis urbanas, extrapolando a cultura Psytrance. Uma possível origem é a cultura *Reggae*, a qual frequentemente evoca as *Positive Vibrations* como uma maneira de lidar com a opressão histórica sofrida pelo povo negro Rastafari em relação ao sistema capitalista europeu.

Ao remeter-se à vibração, esta noção associa-se à ideia de ressonância, que seria o processo no qual um sistema físico que vibra numa certa frequência, ou está estático, passa a captar vibrações de outro sistema externo e adquire sua frequência, vibrando crescentemente com uma amplitude cada vez maior. Esses conceitos físicos podem servir como uma metáfora para entender a noção de *vibe* presente nas falas e relatos dos frequentadores de *trances*: aplica-se não apenas aos movimentos físicos de partículas sólidas, líquidas e gasosas que operam por meio de tais processos, mas também à dimensão espiritual, que responderia a estas leis. Quando se dança, movimenta-se energia, que se propaga e colide com outros objetos e seres, e também assim ocorre com a fala, o olhar, os gestos e os pensamentos. Nesta medida, a qualidade das ações emanadas por um indivíduo emite certa frequência, que pode se agregar ou colidir com as outras frequências do ambiente.

O termo é utilizado em tantas ocasiões que se torna naturalizado, é uma forte expressão nativa. Não recebe necessariamente um cunho especial, de modo que sua separação do contexto cultural de música eletrônica e dos contextos das falas é uma abstração necessária para se fundamentar a presente análise. A presença desta expressão no mundo da música eletrônica pode ser vista nos principais trabalhos sobre música eletrônica no Brasil até o presente momento, que destacam a *vibe* como um fator essencial para o êxito da festa, e a

²⁰ Vide postagem disponível no blog <ictrance.blogspot.com.br> : “o grande objetivo da festa, ao qual chegamos pelo meio da dança, da música e de todos os estímulos audiovisuais da rave: a transcendência!”.

classificam como: “a experiência de uma coletividade (...) a energia coletiva que é compartilhada (...) a comoção geral, é a loucura em grupo” (ABREU, 2005); “harmonia, interior de cada pessoa com a música, em relação à qual se deve ficar na mesma vibração, e também em relação ao ambiente” (FONTANARI, 2003); “o clima da festa, seria a maneira como as pessoas interagem entre si, com o som e com o contexto que se cria” (CAVALCANTE, 2005); “corresponde à energia produzida por intermédio da vibração da música, do ambiente, da dança, das pessoas e dos elementos que compõe o cenário” (NASCIMENTO, 2006).

Portanto, a *vibe* seria o resultado coletivo da combinação harmônica ou desarmônica das vibrações emanadas por cada ator do grupo, agregado à vibração emanada pela música e pelo cenário construído para a experiência social. Seria então a vibração total que o conjunto de estímulos, atitudes e intencionalidades gera, permanecendo fluida e em constante modificação ao longo da vivência.

Nas festas, a *vibe* tem como centralidade a vibração energética da pista de dança, apesar de expressar a energia do evento como um todo. A força do paredão de caixas emanando um som percussivo e psicodélico se associa ao movimento dos corpos que pulam incessantes e repetidamente batem o pé no chão, gerando uma intensa e literal movimentação das moléculas de ar no “miolo” da pista, criando uma espécie de bolha que absorve os corpos, e constitui o núcleo da experiência (fig. 20).

Figura 20: Festa Cidadãos do Mainfloor. Todos compartilhando a *vibe* positiva. Publicada temporariamente na página do evento.



A *vibe* se forma a partir de uma combinação da dança, dos olhares, gestos e sorrisos, da disposição de todas as pessoas a contribuírem com sua presença para que todos estejam na mesma frequência da música e da dança. Está intimamente ligada ao fato de todos estarem dançando no mesmo ritmo e emanando uma mesma intenção. A *vibe*, enquanto categoria nativa aproxima-se do “estado de efervescência” tão bem trabalhado por Durkheim em sua obra referencial para os estudos de rituais: *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912). Segundo o autor, este estado seria a razão de ser da religião, sua virtude. Isto é, ele provoca aumento de energia nos indivíduos, faz com que eles se sintam parte de algo grandioso, se sintam fortes, ajuda-os a viver. O culto religioso e os ritos (ações/movimentos) tem a possibilidade de criar, produzir sentimentos, ele reforça os efeitos da fé, das crenças. Assim, o sentimento denominado *vibe* é experimentado coletivamente na medida em que se fixa em objetos e ações, ou seja, nos elementos concretos que classificamos como componentes do ritual do transe psicodélico. É uma força que resulta da interação, do movimento externo, como podemos ver no seguinte relato.

Na rave ninguém vai de salto alto, ninguém quer ser maior do que ninguém. Na rave todo mundo tem os pés no chão, **todo mundo é igual**. Na rave ninguém conversa muito... O silêncio, ou melhor, a música fala por tudo e todos. Na rave a galera não pula para aparecer... Pula porque **a vibe interna é tão grande** que a única maneira de pôr pra fora é pulando, dançando. Na rave a galera não fecha o olho porque tá com sono e cansado... Fecha para sentir a música pulsar melhor, sentir a *vibe* pulsar dentro de si. Na rave você não vê ninguém brigando porque derramou bebida no outro, porque esbarrou quando tava dançando ou porque pisou no pé do outro sem querer... Na rave a galera diz “foi mal!” e cada um continua na sua balada. **Numa rave, por algumas horas, todos são um só, todos uma só batida, uma tribo, várias tribos, todas juntas, mais que juntas, unidas.** (Disponível em: <universotrance.blogspot.com.br> - grifos meus)

Noto, apesar de tudo, que, dada a diversidade de interpretações racionais e subjetivas possíveis, esse sentimento pode ser experienciado de forma diferente de indivíduo para indivíduo, ou de grupo para grupo. Por isso, numa mesma situação ou numa mesma festa, a *vibe* pode estar boa para alguns, porém ruim para outros. Essa divergência de interpretações é justamente uma das causas da “perda da essência”, onde determinados comportamentos são sancionados por alguns grupos e ao mesmo tempo reproduzidos por outros.

De maneira geral, no ápice da festa, quando ela está “bombando”, as rodas de amigos se dissolvem, os limites dos grupos se rompem e todos reconhecem que estão juntos fazendo uma grande celebração. Todos dançam com todos e criam fortes alianças, especialmente ao amanhecer do dia. Há a sensação de confraternização e satisfação na construção coletiva das emoções. As pessoas ficam mais próximas corpo a corpo, se tocam e se abraçam,

compartilham água, doces, cigarros, conhecimentos e sentimentos, em certas ocasiões a produção do evento oferece água e bebida de graça, e assim o formato da pista e da festa se torna mais homogêneo, circular, igualitário.

Associo a “*vibe* positiva” à proposta original desse tipo de festas, a “essência” desses eventos, quando se almeja a dissolução das individualidades egóicas e pessoais, e a associação de unidades existenciais complementares, que se colocam presentes em corpo e alma para atingir o objetivo maior de celebração coletiva. A obtenção deste estado de êxtase coletivo seria o propósito das festas, o motivo pelo qual todos os integrantes se reúnem naquele cenário, a convergência das individualidades, enfim, o resultado positivo da combinação “correta” e bem sucedida de todos os elementos do ritual.

Este estado, porém, nem sempre é alcançado. Num contexto que agrega pessoas muito diferentes, a frustração e o conflito social aparecem com relativa frequência. A heterogeneidade de preferências musicais e estéticas, de apropriações e significados, de comportamentos e hábitos que vêm compondo as festas atuais cria outros formatos de coletividade, sociabilidade e compreensão do que deveria ser a *trance*. Nem todos gostam do mesmo DJ ou do mesmo estilo musical, nem todos dançam da mesma maneira ou gostam de dançar lado a lado, assim como nem todos exibem sorrisos, conversas e movimentos corporais convergentes. Essas tensões são o objeto do capítulo seguinte.

Capítulo 4

A CENA E OS CONFLITOS

Até o presente momento, fiz um esforço para caracterizar de certo modo o que é a experiência Psytrance dentro daqueles elementos que, baseados no trabalho de campo, pareceram cruciais para a sua compreensão. Parti da contextualização global para a estrutura das festas, até chegar a uma análise do estado coletivo idealizado que se busca produzir nas mesmas. Este capítulo, por sua vez, traz uma discussão que contrasta com a ideia que viemos formando sobre o que seriam as características essenciais deste tipo de festa e experiência coletiva. Formadas as bases ideológicas e estéticas do Psytrance e apresentado o ideal de estado coletivo desejado, vamos agora focar em determinados conflitos que configuram o cenário de música eletrônica em Brasília.

Nesta seção, irei dialogar com uma das obras pioneiras sobre o tema no Brasil, denominada *Raves: encontros e disputas*, da antropóloga Carolina de Camargo Abreu (2005), que traz questões muito esclarecedoras para a discussão que estamos desenvolvendo. A “essência” e origem do Psytrance, assim como a “*vibe* positiva” desejada, nem sempre são experimentadas quando se vai a um evento, e os fatores que geram essa distância não são difíceis de observar ao participar de uma *trance*.

No circuito de festas que frequentei as situações e os comportamentos mais recorrentes que geram conflitos estão relacionados à existência de grupos fechados de indivíduos, criando lógicas de territorialidade e segregação na pista e no evento como um todo, a utilização de cadeiras na pista de dança (eventualmente barracas), gerando uma ocupação diferenciada do espaço, estática, num ambiente construído para a fluidez e dinamismo. Somam-se a isso: excesso de lixo no chão, intenso e explícito abuso e tráfico de drogas, eventualmente roubos, mortes e prisões.

Obviamente estes fatos e comportamentos não fazem parte da origem estética e ideológica do Psytrance, mas vêm de configurações sociais urbanas, marcadas por outros elementos característicos da vida dos jovens que moram nas metrópoles e suas diversas trajetórias sociais. Para discutir esses elementos a princípio “exógenos”, mas que vêm compondo o universo interno das festas de Psytrance, vamos primeiramente definir uma expressão central do contexto de música eletrônica em Brasília e no Brasil: a *cena eletrônica*.

4.1 - Cena Eletrônica e Circuito de Lazer

As *trances* se inserem num sistema de entretenimento urbano tecido por lógicas muitas vezes alheias ao seu universo simbólico, que geram ressignificações tanto por parte dos jovens que consomem este tipo de lazer quanto pela opinião pública e pelos veículos de comunicação em massa.

Ivan Paolo Fontanari, investigando a cultura de música eletrônica em Porto Alegre, coloca que:

(...) a noção de cena remete ao local, ao território, ao espaço social (...) onde os símbolos associados à música eletrônica de pista são operados pelos atores sociais por eles ‘responsáveis’. Serve para pensarmos a apropriação local de uma cultura global. (FONTANARI, 2003: 36)

Paralelamente, Carolina Abreu afirma:

(...) a construção da ‘cena eletrônica’ realiza-se pelas práticas de um certo circuito de música eletrônica. O circuito é a totalidade do conjunto de espaços geográficos (como night clubs), de espaços virtuais, e eventos associados ao universo de música eletrônica, onde se dá a interação de grupos e sujeitos (ABREU, 2005: 75).

Estas duas interpretações nos auxiliam a pensar o domínio de entretenimento e lazer urbanos e, desse modo, compreender a construção de símbolos e padrões comportamentais a partir de um universo mais amplo que as lógicas internas das *trances*. A cena eletrônica pode se referir à cena brasileira em seus principais eixos regionais e também, talvez principalmente, às cenas de cada cidade ou região.

Sobre a cena eletrônica brasileira temos a dissertação de Clarissa Muniz Fernandes Bezerra (2002), intitulada *A Festa como Ritual e a Constituição da Cena Eletrônica de Brasília*, na qual a autora procura investigar a formação da “tribo urbana” ou da “cena eletrônica” *Techno* ou *Clubber* de Brasília, no começo dos anos 2000. Naquele momento, a identidade relacionada à música eletrônica na cidade ainda estava germinando em algumas boates, sendo notável a sensibilidade da autora em documentar e analisar tal fenômeno.

Analisando a festa a partir da noção de eficácia ritual de Stanley Tambiah (1985) e da teoria das interações sociais de Erving Goffman, Clarissa Bezerra descreve eventos dos quais participou e os principais sujeitos que constroem tais cenários, como os Dj’s, os seguranças, os *designers*,²¹ equipes de iluminação e som e os produtores. Apesar da proximidade de temas

²¹ Naquele contexto, o papel dos *designers* era crucial, visto que eram os responsáveis pela confecção dos *flyers*, panfletos de divulgação das boates e/ou das festas. Atualmente sua importância não se perdeu; contudo, no

entre seu trabalho e a presente dissertação, o recorte da autora é baseado na cena eletrônica voltada ao *House*, estilo musical de *Low Bpm* tocado em boates dentro do espaço urbano. Apenas num determinado momento a autora faz uma rápida referência às festas *trance* ao falar sobre a utilização de raios lasers na decoração da festa, e não se estende além disso.

O importante, para nós, é que esta obra faz referência a outros eventos e círculos sociais estreitamente relacionados com o movimento do Psytrance em Brasília. Neste caso, podemos pensar a cena eletrônica como um conjunto de espaços, eventos, atores e símbolos com uma abrangência mais ampla do que as festas *trance*. Assim, podemos associar o trajeto do público das *trances* de Brasília com todo o conjunto de festas e espaços que este grupo também frequenta. O modo como se desenrola uma festa de Psytrance, portanto, seria profundamente influenciado pelas maneiras de se comportar e de sociabilizar que estas pessoas desenvolvem em outros ambientes.

Não é objetivo deste ensaio analisar a dinâmica de outros eventos em particular (apesar de ter participado de alguns deles), nem compará-los ao fenômeno Psytrance, senão utilizá-los para estabelecer um quadro dos diversos espaços onde se realizam os atos de sociabilidade da maior parte dos frequentadores de *trance* em Brasília. Neste sentido, José Magnani mais uma vez nos auxilia a compreender o fenômeno em questão a partir de algumas categorias analíticas essenciais acerca das formas de apropriação e socialização no espaço urbano: “o pedaço, a mancha, o trajeto e o circuito” (MAGNANI, 1999).

O *pedaço* seria a sociabilidade típica do contexto do bairro. Articulando os vínculos “de família, vizinhança, procedência”, seria o espaço construído a partir do dia-a-dia (MAGNANI, 1999).²² A *mancha* remete às “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática dominante”, por exemplo, a prática de lazer cujos equipamentos podem ser “bares, restaurantes, cinemas, cafés, boates, etc” (MAGNANI, 1999). A ideia de “trajeto aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas” e permite pensar

(...) tanto uma possibilidade de escolhas no interior das manchas como a abertura dessas manchas e pedaços em direção a outros pontos no espaço urbano e, por consequência, outras lógicas (MAGNANI, 1999: 44).

contexto da presente monografia, a divulgação das festas é feita principalmente através das redes sociais na Internet.

²² Há no vocabulário popular brasileiro um termo correspondente denominado “*quebrada*”, que seria o território fora do âmbito privado mas próximo do mesmo, um território entre o espaço privado e o público.

Por fim, interessa aqui especialmente a noção de *circuito*,

(...) que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém **não contíguos** na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários (MAGNANI, 1999: 45).

Desse modo, podemos refletir sobre a cena eletrônica de Brasília a partir destas noções, especialmente a do *circuito*, estabelecida pela prática de lazer e entretenimento urbano em relação a festas de música eletrônica, que ao mesmo tempo se dissolve em outras práticas de entretenimento como bares, shows de rock e reggae, boates que tocam T-*rap* e *house*, bailes de rap e funk, a esquina de casa, a “quebrada”, etc.

Se considerarmos a sociabilidade típica dos festivais de Psytrance como uma proposta espiritual de celebração “ritualística”, passamos então a encontrar modificações locais da mesma, de acordo com as diversas “sociabilidades” vivenciadas pelos grupos na cidade, e consequentemente certos rearranjos e conflitos gerados a partir desta dicotomia global/local. Neste sentido, abre-se uma problemática em torno do tipo de sociabilidade que a cena *trance* constrói, e como ela é também afetada pelas relações construídas em outros espaços fora das festas, tanto urbanos como virtuais. As disputas do dia-a-dia urbano, com construção de grupos, pertencimentos e territorialidades, inserem-se dentro do universo da *trance*. A própria lógica de consumo de roupas e preferências estéticas dos jovens passa a fundamentar-se em outros movimentos, como o rap, o reggae, o heavy metal e o *house*, e vem compondo grande parte das festas de *trance*. Estas estéticas divergentes, especialmente quando associadas a diferentes classes sociais, transformam a cena e criam rearranjos dentro da mesma.

As diversas maneiras de se divertir em grupo, de usar drogas, de se vestir, de dançar e celebrar, assim como relações de competição, de consumo, de conflitos simbólicos e estéticos, são todos elementos que fundamentam a quebra de uma coesão fraternal e espiritual idealizada que talvez um dia tenha havido entre os frequentadores do universo Psytrance. A metrópole, ao receber esse tipo estrangeiro de celebração festiva, não só se modifica pela difusão de novas músicas, estéticas e comportamentos como também faz o processo contrário, difundido novos significados, apropriações e comportamentos “não-originais” do fenômeno dentro dele próprio, demonstrando fortemente as intrincadas relações do global e o local. O discurso de “perda da *vibe*”, ou “perda da essência”, tão reclamado nas conversas que tive com os interlocutores, atribui sua causa a vários desses personagens e comportamentos “não aprovados” ou apenas não naturalizados no mundo das *trances*, sobre os quais vamos discorrer em seguida.

4.2 – Perda da Vibe

O principal conflito identificado no discurso dos meus interlocutores se refere ao processo de popularização da proposta *trance*, o qual caminha junto com a mercantilização da mesma e conseqüentemente gera um processo de comercialização de seus elementos essenciais, como a espiritualidade e a busca da transcendência por meio da dança. Como já ressaltai, este processo foi chamado pelos interlocutores de “perda da *vibe*”, indicando que havia uma *vibe* específica contida nos modelos dos festivais, e cuja difusão nas grandes cidades provocou sua “dessubstancialização”, na medida em que novos personagens passaram a compor a *cena*, modificando.

Segundo Carolina Abreu,

1995 é aceito genericamente como o ano de partida das raves no país. Sua origem remonta o cenário paulistano, ainda que sob influência de experiências nas praias de Arraial D’Ajuda e Trancoso, sul da Bahia (ABREU, 2005: 34).

De acordo com a autora essas primeiras experiências eram realizadas sem fins lucrativos, feitas por grupos de amigos e “Dj’s do próprio clã”, de modo cooperativo e não remunerado, assim como se apresentavam os primeiros festivais, grupos de pessoas com o mesmo propósito, se ajudando mutuamente para a construção da celebração coletiva. No que ficou sedimentado nos discursos, a construção destes festivais tinha por objetivo a verdadeira união dos participantes, que congregavam dos mesmos desejos de promoção de novas maneiras de se relacionar, de coletividades locais semelhantes a clãs, aldeias, guildas, comunidades alternativas, etc.

O sistema de trabalho era colaborativo e os envolvidos cooperavam para oferecer “a melhor rave” possível sem deixar de participar da mesma. A principal motivação parece que vinha da crença de que os esforços voltavam-se exclusivamente para a realização da própria festa, da magia que ela proporcionava, sem preocupações de projeção profissional ou financeira (ABREU, 2005: 42).

Esse modelo de festa trazido por estrangeiros e alguns brasileiros “buscadores” foi logo apropriado por outros grupos de jovens com o capital cultural e econômico necessário para a realização dessas experiências – possibilidades de viajar para o exterior, acesso a aparelhagens eletrônicas de última geração, músicas e outras atualidades do mundo eletrônico, drogas –, ou seja, provenientes da classe média (média-alta) brasileira. Com o passar do tempo, a construção da experiência ritual passou a estar nas mãos de indivíduos que não eram necessariamente “buscadores” e que conseqüentemente não compartilhavam dos elementos que constituem o imaginário da Nova Era, mas sim jovens urbanos com interesses, preferências e significados diversos.

Carolina Abreu atribui o processo de mercantilização e popularização das festas à ação orgânica e consciente das novas produtoras que surgiam, em busca de um mercado consumidor maior para seu empreendimento, já nos fins da década de 90.

A partir de meados de 1998 o aumento do público dos eventos e a diversificação de grupos, o formato e a dinâmica das festas variaram bastante (...). O crescimento do público não foi simplesmente um fenômeno de “natural crescimento de mercado”, foi resultado de estratégias específicas desenvolvidas por alguns dos organizadores dos eventos (ABREU, 2005: 58).

De acordo com minha análise, neste ponto as características “essenciais” que proporcionariam o “transe psicodélico” vão transformando sua estrutura e dinâmica original, baseadas em outras instâncias da vida dos produtores e frequentadores, talvez as dinâmicas de entretenimento típicas da metrópole. Este processo identificado por Carolina Abreu em São Paulo na década de 90 foi experimentado atualmente pelo autor do presente trabalho e pelos frequentadores de Brasília, visto que a construção da cena eletrônica do centro-oeste é posterior à cena paulistana.

O surgimento das *megaraves* promovidas pelos núcleos paulistanos atraiu como mercado consumidor a massa, jovens das camadas mais baixas da população que passaram a frequentar em peso estes eventos. Esta expansão modificou de tal forma a cena da música eletrônica que:

(...) a *vibe* já não coincidia com o amanhecer do dia, e os limites de grupos de amigos não se dissolviam completamente. Em alguns eventos era possível até notar que havia semelhança entre grupos diferentes que se associavam em certos locais ou tendas musicais, criando como que territórios diferentes numa mesma festa (ABREU, 2005: 63).

Esta expansão, não agradando os frequentadores mais antigos, fez com que passassem a organizar festas nucleares, privadas, onde compareciam apenas convidados, ou convidados de convidados, as *privates*. Segundo a autora, este tipo de “exclusividade” parece ter sido uma estratégia realizada com vistas a preservar a *vibe* das festas originais, onde o público seletivo, compartilhando da mesma posição social, mantinha um mesmo *status* na celebração.

Vemos assim a consolidação de conflitos dentro do universo do Psytrance, o qual busca propagar (no discurso) valores universais de paz, respeito, amor e união (PLUR), mas passa a reproduzir valores capitalistas como empreendimentos lucrativos e discriminações sociais.

Na atual cena brasileira, o termo P.L.U.R parece ter tido seu conceito esquecido, assim como sua prática, e por isso cada vez mais perde sentido e se enfraquece para muitos que frequentam as raves. (...) Com a maioria das pessoas não conhecendo o

conceito ou mesmo não entendendo realmente seu o significado o conceito P.L.U.R se torna uma palavra vazia de sentido, sendo alvo fácil de deformações e deturpações, como é o que está acontecendo hoje nas festas. (...) (Disponível em: <icrance.blogspot>).

Observamos, portanto, esse processo de transformação da energia coletiva das festas por decorrência da inserção de novos personagens e grupos nas diversas cenas eletrônicas urbanas. A meu ver, contudo, essa insatisfação não tira a legitimidade desses novos grupos de estarem frequentando e ressignificando esta cultura. Ou seja, estou aqui expondo um discurso corrente por parte de determinados frequentadores das *trances*, mas não concordando necessariamente com ele. A análise é no sentido de encontrar nesses novos personagens, que trazem novas estéticas e comportamentos, o motivo pelo qual tal discurso acusatório se reproduz.

Há, de fato, um desencontro na própria idealização das festas. Ao mesmo tempo em que determinados indivíduos ou grupos ficam insatisfeitos com o aparecimento destes novos atores, há o lado das produtoras, que organizam eventos comerciais e têm por objetivo atrair um público consumidor cada vez maior. Estes novos atores, sobre os quais falarei em seguida, surgem na cena a partir também de uma iniciativa dos grupos mais antigos e veteranos, que passam a produzir festas fora do “circuito underground”, promovendo atrações e divulgando seus eventos em busca de visibilidade e lucro. Neste caso, a “perda da essência” seria uma via de mão dupla, tanto por parte dos novos grupos que se comportam de maneira indesejada na cena quanto pelos produtores que promovem a comercialização desta experiência. O que ocorre, portanto, é um movimento, uma transformação na cena eletrônica da cidade.

Por mais recorrente que tenha sido o discurso da “perda de essência” e da mudança de sentido da festa, o responsável por tal mudança é sempre um outro. Ao longo das conversas em campo, nenhum interlocutor se responsabilizou por este fato. As acusações foram sempre em relação aos chamados “pebas”. Embora a categoria se revelasse com força, não conheci de fato nenhum sujeito que se identificasse como tal, apesar de alguns assumirem terem amizades com essas pessoas e compartilharem das mesmas estéticas (cabelo, piercings, tatuagens, maquiagens, roupas e outros utensílios). A cena, portanto, se transforma a partir da ação de todos os seus componentes. O discurso da perda, por outro lado, é direcionado a um “outro”, um grupo particular, indesejado.

4.3 – Pebas

Em São Paulo, jovens do novo público eram taxados de *Cybermanos*: “Eles são jovens, barulhentos, andam em bandos. São negros ou mulato-claros, têm o cabelo tingido ou em mechas coloridas” (PALOMINO, apud. ABREU, 2005). Em Brasília, uma lógica semelhante de segregação atinge os jovens da periferia que frequentam as *trances*. Eles são chamados de *pebas*, uma categoria acusatória que classifica este grupo como *outsiders* (BECKER, 1977), pessoas de fora que não deveriam estar ali por não seguirem padrões de comportamento e valores previamente estabelecidos.

A diferenciação acusativa em torno deste grupo é essencialmente baseada em formas de consumo: no vestuário e na relação com as drogas. O estilo dos chamados *pebas* é relacionado aos subprodutos de marcas estrangeiras como MCD e Oakley (por isso também chamados de “Bonde da Oakley”), camisas de times estrangeiros ou da marca pólo, cordões de prata, bermudas estampadas, óculos espelhados. Interessante é que estes elementos também compõe o vestuário dos grupos da classe média. A diferença, portanto, é econômica, racial, mas principalmente simbólica e comportamental.

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em alguns momentos e em algumas circunstâncias, fazer com que elas sejam seguidas. Regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento apropriado a elas, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. (BECKER, 1977: 15)

Grupos alheios à cena obviamente terão outras apreensões da mesma, e se comportarão de maneiras diferentes em situações diferentes, sendo taxados de *marginais* ou *desviantes* por modificarem o *ethos* das festas. Entretanto, seguindo a lógica de Becker, vemos que “É facilmente observável que grupos diferentes julgam coisas diferentes como sendo desviantes.” (BECKER, 1977). Dessa maneira, a base lógica e moral que fundamenta estas atitudes provém do interior destes subgrupos, que por sua vez são construídas a partir do meio social e econômico que vieram.

As regras da cena são informais, não legais, são regras apropriadas apenas por aqueles grupos que já tinham o acesso à experiência. Dessa maneira, festas com o ingresso e o bar um pouco mais caros criam uma insatisfação do “novo público” e uma atração para outro público mais condizente com as estéticas e os comportamentos desejados, ou seja, a classe média, mesmo que não sejam frequentadores de *trance*. Por causa destes fatores, a *cena* das festas atuais passa por um momento de dissolução da chamada *família* Nova Era, construída e mantida (entre outros espaços) pelos festivais de Psytrance. Apesar de o público ser

caracterizado pela heterogeneidade, ainda assim ela parece ser seletiva se levarmos em consideração esses novos personagens e a realidade de classes.

Carolina Abreu, buscando caracterizar “o modo de festejar *rave*” (ABREU, 2005), em determinado momento de sua argumentação estabelece a categoria “*raver*”, argumentando que “[o]s ravers se identificam como uma ‘tribo global’, para além das diferenças de classe, culturas ou etnias” (ABREU, 2005). Tal observação, porém, não se adequa à realidade da *cena* em Brasília.

Os formatos das *trances* pelo mundo são variados e por isso é perigoso afirmar que seu público é uma tribo global de modo a classificá-los pela terminologia *raver*, generalizando uma coletividade que é heterogênea, mas principalmente permeada por conflitos internos. Não poderia dizer que os “*ravers*” com quem convivi se identificam entre si pelo simples fato de frequentarem as mesmas festas ou curtirem as mesmas músicas e drogas. Também não seria capaz de afirmar que sua auto-identificação e suas relações com o “novo público” (os *outsiders*) transcendem as diferenças de classe. Do mesmo modo, não posso sustentar que todos eles tenham a consciência de “tribo”, ou de grupo, ou mesmo de coletividade, quem sabe no máximo a coletividade gerada nos *bondes*, na cidade-satélite de origem, no “*pedaço*”, na escola que frequentam. Por isso é difícil estabelecer um tipo específico dos grupos que frequentam as *trances* de Brasília, já que suas estéticas e discursos são mutáveis e líquidos, se adequando ao “que rola no final de semana”, ao “que tem para hoje”.

A fala de um antigo frequentador demonstra as contradições atuais que o universo do Psytrance vem sofrendo:

Com a saída das raves do underground, a perda do sentido de conceitos importantes como o P.L.U.R, e a falta de informação ou de pessoas dispostas a informar e ensinar outras pessoas é o que faz das raves virarem grandes baladas a céu aberto. Muitas pessoas passam a ir em raves como se estivessem indo a uma outra balada qualquer ou micareta, e não sabem/entendem direito o que estão fazendo ali. Isso contribui ainda mais com a distorção do que deveria ser uma rave. (Disponível em:<ictrance.blogspot>)

Existindo muitos grupos peculiares que frequentam as *trances*, existem códigos de conduta implícitos, estéticas conflitantes, filosofias diferentes. Por isso, não se pode falar de um público homogêneo. Assim como na cidade, a *trance* expressa a diversidade e os conflitos urbanos. Uma maneira de visualizarmos esta heterogeneidade conflituosa são alguns estereótipos nativos difundidos na classificação dos grupos que frequentam tais festas. Apesar

de estarem presentes em diversas falas, não se assume quem é quem, e essas categorias, sendo pejorativas, nunca são objeto de auto-identificação:

- **os Harebô:** indivíduos com vestimentas hindus e étnicas, ou ao menos com alusões a religiões e estéticas orientais, com acessórios e maquiagens que fazem referência a seres mágicos como duendes e fadas; pessoas que discursam sobre esoterismo e energia; jovens neo-esotéricos espiritualizados, que veneram Mãe natureza e os Astros, normalmente provindos da classe média e alta, que têm acesso aos bens e serviços da Nova Era.

- **os Modinhas:** indivíduos de classe media ou classe alta, normalmente associados aos “*playboys*” e as “*patricinhas*”, que exibem corpos malhados, roupas de marca, e se preocupam mais em “manter a aparência” do que “curtir a festa”. Este tipo normalmente prefere as festas de *House* às de *Psytrance*, as primeiras associadas ao mundo do glamour das baladas urbanas e as segundas à “psicodelia alternativa underground”. Mantendo a pose na festa, conservam-se sempre calçados e bem vestidos mesmo quando supostamente estão jogados no calor da dança.

- **os Pebas:** sendo predominantemente homens, uma das principais simbologias a que são associados e inclusive classificados são as marcas multinacionais que “ostentam”: Oakley, MCD, CoolCat, Nike, Adidas; além dos bonés aba reta, cordões e pulseiras de prata, *umbrelas* (guarda-chuva) de marca, entre outros utensílios e drogas identificadas com grupos de jovens periféricos relacionados ao rap, funk, e ao crime.

- **os Fritos:** este tipo se diferencia de todos os outros pelo fato de se referir menos a um padrão de consumo e mais a um tipo de comportamento. É uma categoria na qual todos os outros indivíduos podem se encaixar, basta estarem inteiramente na euforia da droga e da música, onde não se importa mais sequer sua identidade, sua aparência, seus bons modos, seus hábitos; são aqueles que atingem estranhamente a experiência *trance* num estágio elevado de alegria e energização, que muitas vezes acaba gerando surtos psicóticos, não sendo incomum serem amarrados, levados ao hospital.

Essas definições foram baseadas em trechos de conversas e classificações internas identificadas nos momentos em campo. Todos estes estereótipos (com exceção dos “fritos”) são classificações baseadas acima de tudo no nível de acesso a bens materiais e nas escolhas e gostos que orientam o consumo, para além das preferências musicais. Os padrões de consumo e a imagem construída são o fator básico da segregação. A partir da convivência mútua e dos

conflitos resultantes na *cena*, cada grupo interpreta de sua maneira o que é ou o que deveria ser uma *trance*, e mesmo que convivam em basicamente os mesmos circuitos de lazer urbano, nas marginais deste circuito se tece outra *cena*, extrato da apropriação do subproduto cultural da Nova Era, que passa, então, a contar com novos valores.

Expressando uma contradição e um conflito de classes, este público mal visto pela classe média frequentadora das *trances* é a grande maioria dos pagantes de ingressos e consumidores do bar; são pessoas que dão lucro aos organizadores das festas. É uma relação de oposição e conflito, mas ao mesmo tempo de interdependência, tal qual a relação de classes sociais. Podemos ver esta contradição caso voltemos algumas páginas atrás quando apresentamos os *feedbacks* das produtoras nas páginas dos eventos, as quais demonstram claramente a insatisfação com os *outsiders*, o que não deixa de ser um dilema, pois muitos desses são os pagantes e frequentadores assíduos. Muitos dos indivíduos de quem mais me aproximei e com quem frequentei as festas são provenientes da periferia e, de certo modo, estão conhecendo o Psytrance há pouco tempo e estão migrando de outros tipos de lazer na cidade, como bailes de rap, funk, boates, etc. Pela proposta “underground” que o Psytrance sempre trouxe, as festas não são caras e este público é atraído, inclusive está começando a produzir festas e Dj’s, especialmente direcionados para o subgênero Dark. Por outro lado, em festas com um custo um pouco mais alto, predomina o público de classe média mais próximo dos comportamentos e valores “essenciais” do Psytrance.

Este conflito demonstra uma heterogeneidade nos grupos frequentadores, primeiramente marcada pela divisão de classes, e em seguida pelas divisões estéticas, sônicas e de consumo dentro destes grupos, ou seja, as preferências em relação a DJ’s, estilos musicais, estéticas corporais e uso de drogas. Uma das principais insatisfações apresentadas pelos críticos às mudanças é a presença do chamado “Lóló” na pista. “Lóló” é um nome genérico que engloba produtos químicos que causam um estado atordoante na pessoa, como antirespingo e benzina; ele é consumido em garrafas plásticas de água onde se coloca um pouco do líquido espumoso no fundo e o indivíduo fica inalando ou puxando com a boca. É o subproduto genérico do antigo “lança perfume”, consumido pelas classes médias nos carnavais dos anos 1980. A categoria que generaliza o público consumidor de Loló é a dos *pebas*. Sua estética, se observada com atenção, é predominante em frequentadores provenientes de culturas urbanas periféricas, como o rap, o reggae e o funk ostentação.

De fato, o estilo dos *pebas* sofre acusações extremas e associações com os crimes e o uso abusivo e tráfico de drogas na festa, comportamentos esses reproduzidos também por indivíduos da classe-média. Não é incomum encontrar Dj's e produtores de festas envolvidos com tráfico de drogas e investigações policiais, contudo as penas legais e as repercussões diferem a partir procedência social de cada um. Enquanto as prisões de pessoas de classe média são abafadas ou consideradas como 'fatalidades' (exceções da regra), as relacionadas às pessoas da periferia são tidas como necessárias e corriqueiras.

A partir desses dados, é importante destacar que, embora haja nas *trances* um conflito fundado na diferença de classe, ele não se revela, ao menos não explicitamente, por meio de um discurso que enfatize a diferença de poder aquisitivo. Afinal, os *pebas* consomem nas festas tanto quanto ou ainda mais do que os outros frequentadores. Gosto estético, valores e estilos de vida são acionados mais diretamente para expressar essa diferenciação.

Pierre Bourdieu (2008) já nos alertou para as bases simbólicas que fundamentam as distinções sociais, criando diferenciações que extrapolam o critério do poder aquisitivo econômico, baseadas nas preferências e nos gostos em relação a práticas culturais como o mobiliário da casa, o cardápio, a vestimenta, assim como a música, a literatura, o teatro, a pintura, etc. Assim, as preferências em relação às drogas, às sonoridades e as roupas marcam diferenciações sociais no grupo mais amplo dos frequentadores. Apesar de todos estarem frequentando os mesmos ambientes e consumindo no mesmo nível econômico, as diferenças são ressaltadas por meio das estéticas e dos gostos, que revelam de maneira mais sutil a origem social dos indivíduos, socializados em contextos distintos.

A negação da fruição inferior, grosseira, vulgar, renal, servil, em poucas palavras, natural, que constitui como tal o sagrado cultural, traz em seu bojo a afirmação da superioridade daqueles que sabem se satisfazer com prazeres sublimados, requintados, desinteressados, gratuitos, distintos, interditados para sempre aos simples *profanos*. É assim que a arte e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar, independentemente de nossa vontade e nosso saber uma função social de legitimação das diferenças sociais. (BOURDIEU, 2008: 14)

As festas de *trance*, buscando ser idealmente espaços de fraternidade e de respeito e convivência com a diversidade, são ambientes privilegiados para observarmos esta proposição. A princípio, o acesso a estes eventos e seus espaços internos são igualitários e livres de autoridades ou sanções, permitindo a entrada de qualquer tipo de pessoa independente de sua procedência social. Contudo, ao observarmos mais profundamente as relações que se desenrolam, observamos os diversos grupos e suas diferenciações, conflitos, competições, alianças. Desse modo, é precisa a análise das diferenças de capital simbólico,

aqui traduzidas no gosto. A preferência em relação à música, à bebida, à roupa são fatores que, disfarçados de individuais (subjetivos) e relativos, são construídos socialmente e acima de tudo marcam as distinções sociais.

Conclusão

Os dados trabalhados nesta dissertação nos levam a perceber que, atualmente, a *cena eletrônica* Psytrance do Distrito Federal e entorno é um mosaico de vários grupos provenientes de diversas realidades urbanas, que apreendem a festa de maneiras variadas. Os frequentadores das *trances* não formam necessariamente um grupo coeso e acabam por revelar uma quebra nos discursos ecológicos, espirituais e fraternais que vieram sendo propagado na cultura global Psytrance.

Desse modo, discursos, estéticas e valores são reavaliados e associados a novos elementos, experiências e objetos condizentes com a realidade econômica urbana de novos públicos, novos produtores e novos músicos. Valores na esfera do consumo e da imagem, criticados pelos movimentos alternativos, são reproduzidos agora com novas facetas. A partir da experiência prática de frequentar festas, produzir músicas, utilizar e conhecer as substâncias psicoativas, ressignificam-se os termos de classificação e reconhecimento nos grupos, que modificam as ideias e que finalmente retroagem na ação prática dos sujeitos, fazendo com que as festas tomem outras dinâmicas e estéticas.

A família Nova Era que começou a produzir festivais de música eletrônica no Brasil criou um circuito nacional. Contudo, esta experiência foi aprendida e apreendida por diversos outros indivíduos e grupos que agora produzem festas e festivais pelo Brasil afora. A *cena eletrônica* então toma variadas tendências que fogem ao “controle” desta família. Este processo pode retratar como uma “cultura global” se transforma ao longo do tempo e do espaço, por meio da percepção prévia dos seus principais símbolos e significados, da apreensão cognitiva e social do grupo que a recebeu numa realidade distinta daquela que a originou, e por fim da ação prática, da experiência *a posteriori* que aquele novo grupo gerou.

Dessa maneira, a construção das identidades e dos sistemas de identificação criados na realidade analisada opera a partir da mistura entre o modo de vida e as crenças locais de um grupo ou indivíduo – os quais são determinados pela realidade urbana econômica a que os mesmos estão submetidos – e o universo de signos e crenças global que a cultura alternativa Psytrance propaga.

Associando as festas de Psytrance ao movimento Nova Era, poderíamos interpretá-las como celebrações não voltadas ao hedonismo e a aparente “anarquia” típicas do lazer urbano,

mas sim como uma maneira de se divertir ideológico-politicamente, de quebrar os paradigmas construídos na sociedade moderna, de reestabelecer a importância das relações e trocas pessoais, comunitárias, que prezam menos pela ascensão individual dentro de um contexto meritocrático e competitivo, e mais pelo equilíbrio coletivo, num contexto igualitário, local, não regido pelas normas macro institucionais.

Contudo, ocorre que os próprios grupos produtores e frequentadores das festas não necessariamente compactuam com esta busca alternativa pela espiritualidade, ou sequer com qualquer busca espiritual. O que se observa é uma grande transformação dos discursos, sentimentos e práticas espirituais, humanistas, ecológicas, sendo estes muitas vezes até ridicularizados e negados clara e conscientemente. As atitudes que contêm tal conotação passam a ser deslegitimadas e são substituídas por outros propósitos distantes dos discursos “originais”, como o abuso e tráfico de drogas, a ditadura da imagem e o valor da “ostentação”.²³

A busca por estados alterados de mente e espírito foi e ainda é constantemente enfatizada nos discursos correntes das *trances*, entretanto sua importância parece estar se rearranjando no processo de mercantilização das festas. Para muito hoje, a festa é o momento de “fazer” e gastar dinheiro. Seria talvez o momento de extravasar e de reverter toda sua condição na vida cotidiana, ditada pelas regras e normas, pelo trabalho, pelas autoridades, pela moral cristã. Levando este comportamento capitalista para as *trances*, tais indivíduos são vistos e interpretados de maneira negativa e preconceituosa, sendo taxados como aqueles que não entendem verdadeiramente a “essência” daquela vivência.

Isto indica que lógicas de socialização e de prestígio que regem outros tipos de lazer (como os bailes de rap e de funk, expressões culturais da periferia) estão migrando, junto com estes atores, para a *trance*. Nascidos e crescidos nesse contexto, não há como indivíduos reproduzirem até certo ponto outras lógicas e valores e desse modo não há como expressarem outro comportamento dentro da *trance*. Ao mesmo tempo, frequentam as mesmas por serem festas com aparente liberdade perante as autoridades, sendo generalizado o uso de drogas.

O que parece haver em comum, portanto, entre estes grupos de jovens periféricos “*recém-ravers*” e outros grupos mais ligados aos discursos e ideologias da cultura Psytrance

²³ Faço referência aqui ao universo do “funk ostentação”, gênero musical que faz apologia ao álcool, aos cordões, anéis, relógios de prata e ouro, à abundância de bens de consumo associados ao prazer, ao poder, ao sexo e à ascensão individual.

(basicamente classe média, com acesso ao ensino superior, a equipamentos, bens e tecnologias estrangeiras) é, de fato, a contestação das formas de autoridade e conduta presentes na sociedade. Por isso, cogitar-se-ia a existência das *trances* como ZAT's (Hakim Bey, 2008²⁴), Zonas autônomas Temporárias. Seriam comunidades efêmeras que estariam fora das amarras do controle e da disciplina institucional, que surgem e desaparecem de forma espontânea em diversos pontos do mundo, promovendo maneiras de se relacionar alheias ao comportamento padronizado na sociedade. O que vemos, ao contrário, é um movimento de capitalização e inserção da *trance* no mercado de entretenimento urbano, bem como a reprodução dos conflitos típicos da sociedade de classes.

Alexandre Camargo, em *Festas Rave: de territórios autônomos a territórios de controle* (2008), se posiciona ao dizer que tais festas não são territórios autônomos em relação às instituições sociais.

Pois é nesses territórios festivos que vemos a discriminação social, a afronta dos bombatrancers [**modinhas**] e os cybermanos [**pebas**] (...) o vazio existencialista, a música eletrônica através de seus bpm's, dita a velocidade do nosso tempo, ao mesmo tempo em que suas batidas repetitivas refletem um momento de repouso (...) Há o brutal culto ao corpo, mesmo que para isso a saúde corra riscos; a abstenção política (...) Tudo isso vem a refletir os modos de vida da sociedade como um todo, além da reprodução e afirmação de seus valores. (CAMARGO, 2008: 15 – grifos meus).

Neste sentido, permito-me indagar até que ponto a Contracultura e a Nova Era, como movimentos ideologicamente alternativos ao sistema, realmente promovem quebras com os paradigmas da modernidade. Até onde os movimentos alternativos propõem rupturas concretas com o capitalismo de modo a não serem absorvidos pelo mesmo? As culturas da metrópole, mesmo que *underground*, militantes e radicais, seriam apenas mais uma faceta do sistema, que absorve e vende sua imagem, transformando a cultura urbana numa cultura de consumo, ditada pela superficialidade da imagem e do discurso? Ou, ao contrário, até que ponto pode-se deslegitimar o discurso espiritual e ecológico corrente, ou dizer que as práticas ali reproduzidas não são verdadeiramente críticas ou alternativas ao sistema vigente? Mais importante, contudo, é tomar conhecimento desta realidade global tão crescente, que expressa o caráter de uma possível pós-modernidade, trazendo novos significados e maneiras de se viver em sociedade, assim como novos conflitos e desafios.

²⁴ “Hakim Bey, pseudônimo de Peter Lamborn Wilson. Nascido em Nova Iorque em 1945 é um escritor, ensaísta e poeta que se intitula como um ‘anarquista ontológico’. Bey, introduzindo o conceito de Zona Autônoma Temporária a partir de seus estudos sobre as utopias piratas no fim da década de 1990 foi amplamente reconhecido”. (CAMARGO, 2008)

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Carolina de Camargo. *Experiência Rave: entre o espetáculo e o Ritual*. São Paulo, 2011. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. *Raves: Encontros e Disputas*. São Paulo, 2005. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

AMARAL, Leila. *Carnaval da Alma: Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BASTIDE, Roger. “Cavalos dos Santos”. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BECKER, Howard S. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BEY, Hakim. *Guerra da Informação e outros textos*. Tradução Coletivo Protopia S.A. Porto Alegre: Deriva, 2008.

BEZERRA, Clarissa Muniz Fernandes. *A Festa como Ritual e a Constituição da Cena Eletrônica de Brasília*. Brasília, 2002. Dissertação de Graduação apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção de Título de Bacharel em Ciências Sociais, Habilitação em Antropologia.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

CAVALCANTE, Tiago Coutinho. *O êxtase urbano: Símbolos e Performances dos festivais de música eletrônica*. 2005. 155 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CAMARGO, Alexandre Francisco. “Festas Rave: De Territórios Autônomos à Territórios de Controle”. Artigo produzido a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Festas Rave: uma

abordagem da Geografia Psicológica na identificação de Territórios Autônomos”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. 2008.

CASTAÑEDA, CARLOS. *A erva do diabo*. 1968. Editora Record. 22ª edição.

_____. *Uma estranha realidade*. 1971. Editora Record. 12ª edição.

DURKHEIM, Émile. 1912. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELLIOT, Luther. “Goa is a State of Mind: On the Ephemerality of Psychedelic Social Emplacements”. *The Local Scenes and global culture of psytrance (Routledge studies in Ethnomusicology)*. Taylor & Francis e-Library, 2010.

FERREIRA, Pedro Peixoto. *Música Eletrônica e Xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase*. 2006. 495 p. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. “Novo dicionário da Língua Portuguesa”. Curitiba, Pr: Positivo, 2010

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. *RAVE À MARGEM DO GUAÍBA: música e identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre*. 2003. 180 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GRAHAM, St John. *The Local Scenes and the Global Culture of Psytrance (Routledge Studies in Ethnomusicology)*. Taylor & Francis e-Library. London, 2010.

HUXLEY, Aldous. *As Portas da Percepção e Céu e Inferno*. Editora Globo S.A, São Paulo. 1954

_____. *Admirável Mundo Novo*. Editora Globo Porto Alegre. 5ª edição, 1979.

LARKIN, Christopher B. *Turn on, Tune in, and Trance out. The Exploration of Entheogens and the Emergence of a Global Techno-shamanic Ritual*. 2003. A Thesis Submitted in Partial Fulfillment of a Degree in Sociology/Anthropology, Lewis and Clark College.

LEARY, Timothy, Ralph Metzner, and Richard Alpert. *The Psychedelic Experience: A Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*. New York: University Books. 1964.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito Neo-Esotérico na Metrópole*. São Paulo. Studio Nobel, 1999.

_____. *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo. EdUSP, 1996.

MCATEER, Michael Belden. *Redefining the Ancient Tribal Ritual for the 21st Century: Goa Gil and the Trance Dance Experience*. 2002. A Thesis presented to The Division of Philosophy, Religion and Psychology Reed College. In Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Bachelor of Arts.

NASCIMENTO, Ana Flávia Nogueira. *Festivais Psicodélicos na Era Planetária*. 2006. 210 p. Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica.

ROSZAK, Theodore. *The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition*. Garden City, NY: Doubleday. 1969.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida. *A Família Transnacional da Nova Era e a globalização do ((amor))) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil*. Brasília, 2013. 418 p. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

TIBER, Elliot; MONTE, Tom. *Taking Woodstock*. Rio de Janeiro, Best Seller: 2007

Fontes Eletrônicas

Rodrigo Nyemeier Reinalt e Rodrigo Robazzi, Valores Universais do Movimento Trance. Disponível em: <ictrance.blogspot.com.br>. Acesso em: 02/11/2016.

Luis S. C. Lopes, Trance – Transcender. Disponível em: <ictrance.blogspot.com.br>. Acesso em: 02/11/2016.

Robin Sylvan, O Trance e o Estado Alterado de Consciência. Disponível em: <ictrance.blogspot.com.br> e <mverzaro.com.br>. Acesso em: 02/11/2016

Victor Gurrutia, Psychedelic Trance / Transe Psicodélico. Disponível em: <ictrance.blogspot.com.br>. Acesso em: 02/11/2016.

Victor Gurrutia, As Vertentes do Psytrance. Disponível em: <ictrance.blogspot.com.br>. Acesso em: 02/11/2016.

Autor Desconhecido, Goa Gil – As Raízes do Transe Psicodélico. Disponível em: <psytrancedf.com>. Acesso em: 02/11/2016.

History Channel Special – Hippies 2007. Disponível em: <youtube.com.br>. Acesso em: 02/11/2016.

Disponível em: <beathouseandfriends.blogspot.com.br>. Acesso em: 02/11/2016

Disponível em: <psytrancebr.com>. Acesso em: 02/11/2016

Autor desconhecido. Disponível em: <psytrancedf.com>. Acesso em: 02/11/2016

Kranti Pessoa. Disponível em: <kranti.com.br> Acesso em: 02/11/2016

UP Crew, Linhas tortas da vida nos levam aos mais imprevisíveis e belos caminhos. Disponível em: <universoparalello.org>. Acesso em: 02/11/2016

Disponível em: <psicodelia.org> Acesso em: 02/11/2016

Disponível em: <mainfloor.com.br> Acesso em: 02/11/2016

Disponível em: <dicionariodoaurelio.com> Acesso em: 15/12/2016

Goa Gil, articles and interviews. Disponível em: <goagil.com> Acesso em: 02/11/2016

Dj Randley, A Música eletrônica e a espiritualidade. Disponível em: <purpletrance.com.br>. Acesso em: 02/11/2016.

